



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1605/07	DATA: 25/9/2007
INÍCIO: 15h18min	TÉRMINO: 18h12min	DURAÇÃO: 2h54min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h53min	PÁGINAS: 85	QUARTOS: 35

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR - Chefe de Segurança do Shopping Tamboré, no Estado de São Paulo.  
CELSO BRAZ DO NASCIMENTO - Secretário-Geral de Comunicação da Igreja do Evangelho Quadrangular.  
MARCO REGIS DE MORAES - Funcionário do Deputado Mário de Oliveira.

SUMÁRIO: Apreciação de requerimentos constantes da pauta. Oitiva de testemunhas arroladas pela defesa do Deputado Mário de Oliveira.

OBSERVAÇÕES

Há falha na gravação.  
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.  
Há palavra ininteligível.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Havendo número regimental, declaro aberta a 18ª reunião do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara dos Deputados.

Encontra-se sobre a bancada cópia da 17ª ata. Indago aos Srs. Parlamentares se há possibilidade de deixarmos sem a leitura dela. *(Pausa.)*

Os que forem favoráveis à ata permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovada.

Expediente.

Recebemos, no último dia 17 de setembro, do Supremo Tribunal Federal, cópia do inquérito instaurado naquela Corte em desfavor do Deputado Mário de Oliveira, pelos mesmos fatos objeto da Representação ora em pauta.

Conforme comunicado enviado aos gabinetes, os documentos estão disponíveis na Secretaria do Conselho para exame dos Srs. Deputados.

Eu gostaria de lembrar a todos os Deputados que apenas 2 Deputados leram a peça.

Esclareço que os documentos foram recebidos com a ressalva do Ministro-Relator, de segredo de Justiça. Os mesmos não poderão ser retirados da Secretaria do Conselho nem tirar uma fotocópia.

Ordem do Dia.

Requerimentos:

*“1. Submeto ao referendium dos nobres pares os requerimentos apresentados pelos Relatores Moreira Mendes e Solange Amaral e pelo Deputado Sandes Júnior, antes de renunciar à Relatoria e mantido pelo Deputado José Carlos Araújo, para as instruções probatórias dos processos por eles relatados:*

*A) Do Deputado Moreira Mendes requerendo a oitiva do Deputado Paulo Magalhães”.*

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

*“B) Do Deputado Sandes Júnior requerendo oitiva do Presidente do Grupo Schincariol”.*



Em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

*“C) Da Deputada Solange Amaral que requer seja solicitado à ANATEL e à Junta Comercial de Minas Gerais confirmar a existência de sociedade entre os Deputados Mário de Oliveira e Carlos Willian na propriedade de empresa de comunicação”.*

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

2. Requerimento nº 16, de 2007, do Presidente do Conselho de Ética, que solicita a prorrogação do prazo para a conclusão do Processo nº 5, de 2007 (Representação nº 12, de 2007), instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.

Em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

3. Requerimento nº 18, de 2007, dos Srs. Deputados Ricardo Izar e Paulo Piau — requer a realização de audiência pública em parceria com as Comissões de Direitos Humanos e Minorias e de Relações Exteriores para debater com o teólogo alemão Hans Kung a temática *Ética e Globalização*.

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Eu gostaria de esclarecer aos Srs. Deputados a ausência de algumas testemunhas. Como já é do conhecimento dos senhores, este Conselho não tem o poder de convocar testemunhas. E, conforme procedimento adotado na instrução dos processos anteriores, em caso de ausência no primeiro convite, será reiterado para mais uma oportunidade o convite, para o comparecimento a este Colegiado. Se não houver justificativa para as ausências, não haverá um terceiro convite, ressaltando que esse procedimento diz respeito às testemunhas do Conselho, bem



como às da defesa, que, para o bom andamento do processo, deverá se empenhar em trazer as suas testemunhas.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Pois não, Deputada.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Eu gostaria de... face à ausência da testemunha — salvo engano, o único que não compareceu é o Odair da Silva, e tendo em vista que ele foi arrolado como testemunha de defesa —, eu gostaria de indagar do advogado do Representado se... solicitar que possa se empenhar para que essa testemunha possa vir, tendo em vista que é testemunha da defesa.

Eu gostaria de ouvir o Dr. Itapuã Messias, advogado do Representado, que relacionou o Sr. Odair para vir ao Conselho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Dr. Itapuã, pode falar.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sra. Relatora, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, nós, quando fizemos a nossa peça inicial e relatamos as nossas testemunhas de defesa, julgamos que o depoimento do Odair da Silva era e é um depoimento fundamental para o deslinde da matéria. E a única coisa de que dispúnhamos com relação ao endereço dele, o único endereço de que dispúnhamos, era aquele que constava no inquérito, na Polícia Federal.

Nós já conversamos com Celso Braz do Nascimento, que é a outra testemunha, fizemos as nossas investigações para tentarmos localizar, sabemos o endereço dele em São Paulo — inclusive teve um filho que atendeu ao telefonema da Dra. Teresinha e dos outros funcionários deste Conselho —, mas nós estamos com a mesma dificuldade do Conselho. Nós não temos noção do paradeiro dele.

Agora, temos ciência, sim, de que ele recebeu o convite do Conselho, porque ele mandou uma resposta, dizendo que não compareceria. Teve um advogado que... li essa peça agora, aqui.

Então, eu, sinceramente, acho fundamental, mas não tenho como colaborar nesse sentido. Agora me comprometo em... nós, tendo contato com ele, ou ele fazendo algum novo contato nosso, insistimos que ele compareça e preste os esclarecimentos necessários a este Conselho.

Agradeço a V.Exa.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Eu gostaria de esclarecer também que nós procuramos o Odair da Silva e pedimos a colaboração da Delegacia de Osasco para localizá-lo.

E recebemos hoje este requerimento do Odair da Silva, dizendo que o que ele tinha a declarar já declarou à Polícia Federal e não pretende vir aqui como testemunha.

Eu só queria saber se V.Sa. mantém a testemunha Odair da Silva.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu temo a... Manter a testemunha eu mantenho a testemunha. Eu acho fundamental para a defesa e para o Conselho que ele seja ouvido, mas ele disse que não vai vir. Estamos diante de um impasse.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Nós vamos tentar mais uma vez.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Agradeço a V.Exa.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sr. Presidente, para a Relatoria, é realmente importante.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - E nos comprometemos, inclusive, a... em tendo contato...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Eu acho que é a principal testemunha.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu também acho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Então, vamos tentar mais uma vez.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Eu gostaria também de dizer aos Srs. Deputados que o relatório enviado pelos policiais do Distrito de Osasco dá conta da impossibilidade de notificação, em razão da mudança da testemunha. Quer dizer, inclusive ele desapareceu de Osasco.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sr. Presidente...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Pois não, Deputada.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Eu gostaria de dividir aqui com os colegas do Conselho e com V.Exa. 2 questões.



A primeira: eu acho que de fato é importante que o Conselho se empenhe em trazer essa testemunha, o Odair da Silva.

E uma outra questão é que, tendo em vista todo o material que já recebemos — acabamos de receber todo o material do Supremo, da Polícia Federal —, queria encaminhar para V.Exa, para determinação futura do Conselho, a possibilidade de mantermos esse processo, que já está em exame na Polícia Federal; mantermos as seguidas tentativas de trazer o Odair; mantermos um sobrestamento desse processo no Conselho de Ética, porque acho que se trata de questão de alegado crime. Mas, de tudo o que já avançamos, eu acho que é uma questão que deve — até por sugestão do Deputado Paulo Piau — uma visita nossa ao delegado da Polícia Federal, delegado-chefe que está encaminhando essas questões. Acho que é um bom encaminhamento.

E pedir a V.Exa., portanto, que possamos amadurecer e encaminhar para a decisão do nosso Conselho a proposta de sobrestamento desse processo, por ora, tendo em vista que as questões da Polícia Federal e do Supremo estão avançando e que têm os mecanismos para a investigação. Afinal, a Polícia Federal é que dispõe deles.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Eu acho muito importante isso. Nós vamos pedir, então, uma audiência. Alguns membros do Conselho, com a Relatora, devem ir até a Polícia Federal analisar o inquérito existente, quer dizer, o que foi feito até agora, e, na próxima reunião, eu coloco em votação o requerimento da Relatora sobre o sobrestamento desse processo até os resultados da Polícia Federal.

Quer dizer, na realidade, quem vai investigar é a Polícia, não somos nós. Então, eu acho muito importante isso. Essa visita também é muito importante para saber o prazo que nós teríamos para saber de alguma coisa positiva sobre esse inquérito.

Então, eu acho muito importante, e, na próxima reunião, eu já coloco em votação o requerimento da nobre Relatora.

Srs. Deputados, nós vamos ouvir hoje 3 testemunhas. Nós vamos convidar, inicialmente, o Sr. Bernardino Salvador de Jesus Júnior, que está acompanhado de sua advogada, a Dr. Carmem da Costa Barros.



*(Pausa prolongada.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Srs. Deputados, antes de iniciarmos a oitiva do Sr. Bernardino Salvador de Jesus Júnior, eu vou ler o termo de compromisso que deverá ser assinado por ele:

*Nos termos do art. 12 inciso I do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 5, de 2007 (Representação nº 12, de 2007), instalado contra o Deputado Mário de Oliveira.*

*Sala das Reuniões, 25 de setembro de 2007.*

*Bernardino Salvador de Jesus Júnior.*

Srs. Deputados, iniciando a oitiva da testemunha, darei a palavra à nobre Deputada Solange Amaral.

Com a palavra a Deputada.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Bom, agradeço muito a presença do Sr. Bernardino Salvador de Jesus, acompanhado de sua advogada.

Sr. Bernardino, se o senhor puder falar um pouquinho, porque o que nós temos é que o senhor é o chefe de segurança do *shopping* onde teriam acontecido os fatos que são alvo de uma representação que foi feita ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados — não sei se V.Sa. conhece — a representação de um partido, alegando que um Deputado, seu membro filiado, teria sido alvo do planejamento de um homicídio por um outro Deputado, e que isso teria acontecido no... Um dos locais seria a praça de alimentação desse *shopping*. Queria ouvi-lo. O que o senhor sabe? O senhor é chefe de segurança lá? O senhor estava trabalhando nesse dia? Por favor. Pode se aproximar do microfone.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Boa-tarde a todos. Bom, com relação ao episódio, o que eu tenho a relatar é que tomei ciência dos fatos através da mídia na segunda-feira, mais precisamente pelo *clipping* do *Shopping Tamboré*. E, diante da notícia, tentei apurar os fatos, porque não tive ciência, no dia, de movimentação alguma relacionada a esse episódio. Nada,



absolutamente nada. A única forma com que tomei ciência foi através desse mecanismo aí da imprensa.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor reside onde?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu resido em São Paulo, Pompéia. Endereço completo?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Não, não.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Está bom. São Paulo, Pompéia.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor é chefe de segurança?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Sou o chefe de segurança do *Shopping Tamboré*.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Desse *shopping* e mais de outros?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, só do *Shopping Tamboré*.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor tem pessoas ligadas? O senhor, sendo chefe de segurança, deve ter um grupo de pessoas que trabalham com o senhor.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Perfeitamente.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor buscou alguma informação com essas pessoas? Sabe quem estava trabalhando nesse dia?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Obviamente...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - É 19 de junho, salvo engano.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - É, 19 de junho. Obviamente, assim, não vou dizer que isso não me afetou porque muito me estranha, num episódio dessa natureza, eu não ter tomado ciência. Busquei com a equipe, e na equipe, também, ninguém presenciou nenhuma ação nesse sentido. Na segunda-feira mesmo, à tarde...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Desculpe, quantos funcionários estavam trabalhando na segurança naquela hora, naquele dia? Mais ou menos.





**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Bom, no horário dos fatos, 11 horas, eu tenho aproximadamente uns 6 seguranças. É um *shopping* pequeno.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - É um *shopping* pequeno. Seis seguranças que estavam naquele andar, ali na praça de alimentação?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - O *Shopping* Tamboré é um *shopping* térreo, ele tem 4 portarias. Estão são dispostos nessas 4 portarias. Fica um vigilante ao fundo, numa parte do fundo — ali tem uma joalheria — e o sexto vigilante fida numa portaria extrema do *shopping*, na parte externa. E aí tem uma equipe na parte externa, com 3 motoqueiros da segurança.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Que relato algum deles lhe fez?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Nenhum. Nenhum presenciou o fato. Nenhum dos seguranças.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Ninguém da segurança viu nada?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, nada, absolutamente nada. Tanto é que, na segunda-feira à tarde, foi uma equipe policial, que teria praticado essa ação, com o objetivo de ter acesso às imagens. Nesse comparecimento, eu fiquei sabendo por eles que a prisão teria ocorrido dentro de uma loja, versão essa que foi confirmada quando eu chamei a lojista. E a lojista confirmou de fato que a ação...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Charutaria, não é? Ou uma coisa assim?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, revistaria.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** – Revistaria...

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - E ela confirmou, sim, que eu não tenho aqui, eu não sei precisamente quantos, mas, se não me falha a memória, 2 policiais teriam entrado na revistaria e dado ordem de prisão a uma determinada pessoa, que eu vim a saber pela imprensa que seria o Oldair. Feito isso, os policiais saíram de forma discreta e deixaram o *shopping*. Não tivemos essa... Pelo menos, a equipe não teve essa percepção.



**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O natural, numa prisão na praça de alimentação, era que a segurança visse?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Se fosse na praça de alimentação...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Parece que a partir da praça de alimentação eles teriam se evadido, corrido, um para cada lado.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Pois não.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não tivemos nenhum indício de correria, de movimentação, nada.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O natural não era que a segurança conhecesse os fatos? Porque não é a primeira vez que ocorre algum tipo de irregularidade.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Uma operação dessas... Eu já estive em outras operações. O que seria normal? A equipe de policiais comparecer ao Departamento de Segurança, minutos antes da ação. Não preciso nem ter essa informação com tanta antecedência. Mas o inteligente — vou colocar aqui a minha opinião —, o inteligente seria procurar a Segurança, que dispõe de um sistema de CFTV. O *Shopping* Tamboré dispõe de um sistema de CFTV muito bem estruturado. E, procurando a segurança, eles poderiam até direcionar a forma de gravação. Tanto é que nas próprias gravações que nós tentamos verificar, a gente não consegue pegar nada contundente. Mas o respeitoso, o inteligente seria que procurassem a segurança e que, de dentro da minha central, procurassem, monitorassem as gravações, para que filmassem a abordagem. Então, isso não foi feito. A ação, realmente, dentro do papel da Polícia Civil, eles entraram de forma discreta, executaram a ação, que foi só a prisão do Odair, e saíram também de forma discreta, sem alardear.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor já teve outras ocorrências com esses mesmos profissionais de segurança da delegacia?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Com esses policiais?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sim.



**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, esses policiais não pertencem à área do *shopping*. Eles são policiais de Osasco, que é uma cidade vizinha. Tanto é que, quando da...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Isso estranha? O senhor estranha isso?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, não me estranha. Se eles estão num processo, numa investigação, eu acho que é uma consequência natural. Nesse ponto, eu não vejo nenhuma estranheza, não. O que acontece? Quando eu tive acesso à mídia, a primeira reação foi o quê? Eu contactei policiais da delegacia da área, que é de Barueri, até para entender o que estaria ocorrendo. E os próprios policiais da delegacia da área não tinham essa informação.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Qual informação?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Do fato ocorrido. A Delegacia-Geral de Barueri, com que eu tenho contato, eles não tinham essa informação. Buscaram na imprensa...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O fato é que estaria havendo a contratação de uma pessoa, de um matador. O senhor já tinha ouvido falar...

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, em hipótese alguma.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - ...neste nome, Alemão? Nunca?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Em momento algum.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O seu pessoal também?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, não, não, não.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Nas imagens que o senhor viu, o senhor identifica alguma coisa?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Bom, prezada Deputada, o que eu posso dizer?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Hum, hum.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Com relação... Quando os policiais comparecerem ao *shopping* a título de requisitar as imagens, eles ficaram visualizando, não apontaram nada. O que eu pude ver, no pouco que



eu acompanhei com eles as imagens, a chegada deles, a disposição deles, e, num dado momento, 2 policiais conduzindo uma pessoa, a qual eu não consigo, as imagens não permitem uma identificação, eu não conseguiria apontar quem seria essa pessoa. Então, é a única informação que eu tenho. Com relação ao Alemão, não fizeram qualquer menção a características, a tipo de roupa, nada. Isso eu não tive, eu não tive essa informação deles.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor nunca tinha ouvido falar nesse nome?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Alemão?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sim.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, não, não, em hipótese alguma.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - É uma prática ali essa questão de matador, contratar...

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - *(Risos.)*

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Desculpe, o senhor é chefe de segurança.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, eu sei, eu sei, eu sei. Não, eu estou rindo pelo seguinte: tudo bem que Barueri é uma cidadezinha do interior, mas não chega a esse pé.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Eu preciso que o senhor... Eu tenho que lhe perguntar, é preciso que o senhor diga.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Perfeito. Não, eu entendo. Até desculpe a minha reação, por favor. Não, mais não tem isso daí, não. Muito pelo contrário. O Shopping Tamboré... Eu estou fazendo um trabalho no Shopping Tamboré há 1 ano e meio. E nesse 1 ano e meio, se eu tive... acho que 1 ou 2 registros de ocorrência. Então, é um local, de certa forma, tranquilo.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Mas ocorrência dessa natureza, de matador, de assassinato?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, não, não. Normalmente, o *shopping* é vítima de estelionatários. Então, é o único registro. Eu



sei que o último registro de roubo com uso arma de fogo aconteceu a coisa de uns 2 anos atrás, contra uma joalheria.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - No *shopping*?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - É, contra uma joalheria, mas numa ação totalmente circunstancial. Não teve nada elaborado, não. Numa situação de oportunidade, um rapaz entrou, fez assalto na joalheria e saiu. É o único registro, assim, mais contundente que eu tenho.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor é policial de formação?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu fui policial de 86 a 89, da Guarda Civil Metropolitana, quando da criação pelo Sr. Jânio Quadros, Prefeito na época. Eu fiquei 3 anos junto ao gabinete do Prefeito e, na troca de mandado, acho que quando a Prefeita Erundina assumiu, eu saí da corporação e segui carreira na área privada.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Já estou encerrando, Sr. Presidente, para passar para os colegas.

Se o senhor tivesse que fazer uma operação de apreensão de um... contra... a cena seria essa? Alguém que estaria contratando um matador para ele cometer um homicídio, na praça de alimentação do *shopping*. O senhor é policial. É claro que é uma hipótese, eu estou perguntando, é evidente.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Claro. Perfeito, perfeito.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O que o senhor teria a comentar, se o senhor tivesse... se o senhor fosse policial, do outro lado?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Se eu tivesse do outro lado, numa ação legítima, totalmente sustentada, amparada, eu, sem sombra de dúvida, procuraria a administração do *shopping*, a central de segurança, viria os recursos disponíveis, principalmente com relação a sistema de CFTV, porque é sabido que a segurança do *shopping* conhece toda a geografia, dispõe de uma ferramenta que a Polícia normalmente não possui, que é a comunicação entre todos os membros. Então, isso permitiria até uma estratégia mais elaborada para uma ação desse porte. Então, para mim, seria uma condição natural.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor faria de outra maneira?



**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Com certeza.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Porque a informação é que o matad... o chamado... essa figura, Alemão, evadiu-se, nunca ninguém sabe, ninguém pega. E a pessoa que foi presa é uma pessoa que numa hora, quando foi presa, disse uma coisa, e agora, na Polícia Federal, já está dizendo outra.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu não tenho acesso a essas informações, a esses detalhes.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor conversou com mais alguém? Teria alguma coisa a acrescentar do que o senhor viu? Porque, ali, tem algumas dezenas, pelos menos, de pessoas, ou de lojistas, ou de... Se o senhor quiser acrescentar alguma coisa, eu já estou, por ora, encerrando o meu questionamento, Sr. Presidente, para que os Deputados possam... O senhor teria alguma questão a comentar?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Nesse horário... A praça de alimentação, em *shopping center*, abre normalmente às 11h. Então...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - E foi às 11h isso? Teria sido entre 11h e meio-dia.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - A princípio foi 11h, é a informação que eu tenho. E a praça de alimentação é vazia. Ela é vazia. A praça de alimentação... Principalmente o Shopping Tamboré... O Shopping Tamboré está localizado num pólo industrial, num pólo empresarial. Quando dá meio-dia, a quantidade de pessoas que vem ao *shopping* é muito, muito grande. A praça de alimentação possui 800 cadeiras, e essas cadeiras... eu digo que no horário de almoço ela deve girar de 3 a 4 vezes, tamanho o volume de pessoas que vêm. Mas, assim, 11h da manhã, é quando as lojas estão abrindo operação, abrindo as portas para o atendimento. Então, o público é praticamente zero. O que você vê assim, eventualmente, são os funcionários desses restaurantes fazendo a sua alimentação, para que eles possam também dar continuidade ao serviço, sem ter que parar para esse propósito.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Algum comentário, Sr. Bernardino, sobre... Ali tinha... devia ter garçons, lojistas. O senhor viu alguma coisa?



**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Absolutamente.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Alguém comentou com o senhor? Alguém estranhou?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, absolutamente nada. E eu fico até... A minha maior surpresa, assim, é em razão da loja, porque, quando os...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Se a praça estava vazia, era difícil alguém se evadir.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Sim. Pela geografia do *shopping*, sim.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Era difícil?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Difícil, difícil. A praça de alimentação, ela tem uma disposição que não permite uma visualização de muitos metros. Isso é fato. Isso é fato, ela não permite isso.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - E às 11h costuma estar vazia?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Costuma estar vazia. Não tem como a pessoa dispersar no meio da multidão. Não, não tem. Nesse horário, não tem.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Dispersar na multidão não tem, porque não tem multidão.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não tem multidão.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - E se evadir também não é simples, no seu sentir?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. Fuga, no sentido literal da palavra...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Fuga, fuga.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - ...é difícilimo, sem chamar a atenção da segurança.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - E a segurança não viu nada?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, não viu.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - E a moça da revistaria, que viu uma ordem de prisão lá dentro.



**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Até para que a senhora... até para que fique claro também para todos, o Shopping Tamboré dispõe, nas suas portarias, de câmeras fixas que pegam exatamente a saída dessas pessoas. Então, quando você pressupõe fuga, você pressupõe alguém correndo. Então, nós ficamos atentos nessas imagens dessas câmeras fixas, e ninguém aparece com essa condição de corrida, de fuga, em ar de desespero, preocupado. Nada. Nada disso foi registrado.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Agradeço muito, viu, Sr. Bernardino, e devolvo aqui ao Presidente Ricardo Izar.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - De nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Eu consulto o Dr. Itapuã Messias se quer fazer alguma pergunta.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Primeiro, eu quero parabenizar S.Exa. a Relatora, que destruiu o meu elenco de perguntas inteiro. Mas eu ainda tenho. Sr. Presidente, eu gostaria de entender. Ele falou sobre a dimensão dessa praça de alimentação. E essa pergunta eu fiz para os policiais que estavam aqui naquele dia. Como é que é essa dimensão da praça de alimentação lá? É muito grande? Mais ou menos, no que diz respeito à metragem quadrada, qual é a dimensão, qual é o tamanho?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Metragem quadrada. Deixa eu...

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Aproximadamente, Sr. Presidente.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Deve ter uns 20 metros por uns 60 metros de profundidade. Ela forma um retângulo.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - De 800 metros quadrados?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Isso.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Nesse horário, Sr. Presidente, como não tinha ninguém, segundo informações trazidas agora, nós verificamos que naquelas fitas, naquela câmara que foi apresentada aqui, uma seqüência não de filmes, mas de fotos, que apareciam, em determinada hora, 2 pessoas sentadas numa cadeira... numa mesa, nas cadeiras em torno de uma mesa, e depois, de repente, essas pessoas desapareciam. Se ele tem, lá no controle de informações da





segurança do *shopping*, como conseguir essa seqüência. Se ele tem essa seqüência de fitas, que nós pudéssemos ter acesso a ela, para nós sabermos como aquilo aconteceu, porque nós vimos 2 pessoas sentadas e depois a mesa vazia. Nós não vimos os policiais chegando. Prestei bem atenção, não tinha nada em cima da mesa. Quer dizer, nós não conseguimos ver o procedimento de prisão.

A pergunta é: há, por parte dos arquivos de mídia, enfim, de filmagem ou de fotografia, condições de nós vermos esse desmembramento de seqüencial dos fatos? Essa é a pergunta.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu... Não, isso é fácil de responder, doutor. Eu tenho 2 câmeras de CFTV na praça de alimentação, câmeras do tipo Spectro Dome ou Domus, e essas câmeras trabalham numa condição automática, que a gente chama de *pre-set*. Então ela faz um tipo de varredura automática. A partir do momento que eu não tenho um *input*, eu não tenho nenhuma informação indicativa de anormalidade de ocorrência, essa câmera trabalha nessa condição normal. Então essa câmera faz um movimento. Dando um exemplo, ela passa por você aqui, ela vai fazer todo o circuito. Em média, ela leva de 45 a 1 minuto, 45 segundos a 1 minuto para voltar na mesma imagem. Então, é por isso que tem essa... essa quebra de seqüência, está o.k.?

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, os policiais, quando aqui estiveram, relataram que o Alemão, quando se evadiu do local — e que eles não prenderam o Alemão porque foi muito difícil, diante do movimento de pessoas que tinha —, o Alemão teria ido com uma motocicleta para lá e teria fugido porque ele deixou a motocicleta no local. A pergunta é se eles teriam acesso, se a administração do *shopping* ou a segurança teve acesso a informações a respeito de como essa motocicleta depois saiu, se o Odair foi lá e retirou essa motocicleta depois ou não. Como é que foi? Se ele tem informações a respeito desse fato.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Doutor, só uma coisinha. Existe um lugar que tenha um estacionamento de motocicletas?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Sim, eu tenho uma área específica para estacionamento de motos. O que eu vi nas imagens? Quando os policiais saíram com essa pessoa, que eu presumo seja o Odair, os policiais estavam com uma moto, que eu acredito que seja do Odair. Essa informação que



seria do Alemão, essa informação eu não tenho. E, fazendo uma correção com relação à praça de alimentação, as poucas pessoas que estavam sentadas na praça de alimentação são funcionários. Então, num universo de 800 cadeiras, eu diria a vocês ali que, se tivesse 20 pessoas, dentre funcionários, fazendo a sua alimentação, era essa a proporção.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Doutor, o senhor pode me dar só um aparte, só para não sair do assunto? Quando eles saíram com essa moto, essa moto foi pega com chave, ou precisou de carregar, ou precisou de dar tranco?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, eles saíram naturalmente.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Naturalmente?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Naturalmente. As imagens inclusive mostram isso.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Isso é importante.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Agradeço a V.Exa., Sr. Presidente. Sem mais perguntas.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Antes de ouvir os Deputados, consulto o advogado do PTC, Dr. Luiz Carlos Silva Neto, se gostaria de fazer alguma pergunta.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Gostaria sim, Excelência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra, Doutor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Primeiramente, muito boa-tarde a V.Exa., mui digno Presidente deste Conselho, à honradíssima e respeitada Relatora deste processo, Deputada Solange Amaral, aos Deputados aqui presentes, ao digno — e também a seus colegas — advogado do representado.

Onde que a testemunha estava no dia em que esses fatos se deram lá no *shopping*?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Onde eu estava?

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Onde que a testemunha, o Sr. Bernardino, estava?



**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Onde o Sr. Bernardino se encontrava? Ele é Chefe da Segurança. Onde estava? Que dia de semana era? Lembra?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Bom, vou ter que fazer uma conta aqui. Vinte e cinco... Acho que terça-feira, né? Bom, eu vou... Eu não sei. Eu não saberia lhe dizer precisamente, mas dentro da minha rotina, com certeza, eu estaria na minha sala. Na minha sala, na minha mesa, despachando. A minha rotina é: eu chego ao *shopping*, faço academia... Chego por volta de 7 e meia, 8 horas da manhã, faço a minha academia, 9 horas eu assumo as minhas atividades. É uma rotina de 9 às 10 fazer uma ronda no *shopping*, para efeito de constatação se está adequado para a abertura, e aí eu faço os meus despachos burocráticos. E aí, ao longo do dia... A vantagem de trabalhar em *shopping* é que você tem essa facilidade de descer a qualquer momento. Então você não tem essa... essa rotina, essa obrigatoriedade.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sr. Presidente, eu também indagaria à testemunha se já houve outras operações nesse *shopping* por parte da polícia, seja ela civil, federal ou militar.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. Assim, com essa, com esse... Por favor, seja mais específico, até para eu poder enquadrar aqui.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim. Eu só estou querendo saber, e que V.Exa. informe ao Conselho, se já houve outras operações policiais, sejam elas do âmbito da Polícia Militar, Federal ou Civil, no *shopping*.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. Com essa magnitude aí, com esse propósito, não. Eu tive, sim, uma... Isso foi depois desse episódio. Policiais federais que foram para fazer uma operação. Eles contactaram, eles vieram num dia antes, fizeram toda uma constatação do que eu tinha de recursos de CFTV, se eu poderia disponibilizar algo mais também, dentro do propósito deles, que era acompanhar uma ação dentro de um restaurante. Eu falei... Aí, eu expliquei a eles que eu fico limitado só à área comum, mas que eu teria recursos, diante dos meus fornecedores, de montar alguma coisa, se fosse essa a necessidade. Porém, no dia seguinte, onde seria feita a ação, parece que a pessoa que eles estavam acompanhando se direcionou para Campinas. Então essa



operação foi desarticulada, ela não existiu. Assim... dentro... nessas características, essa foi a única.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Posso continuar, Presidente? Não seria talvez mais criterioso, por parte da Polícia Civil, numa operação desta magnitude, tornar toda a operação sigilosa? Até porque ninguém sabe quem é este matador, e ele poderia ser, evidentemente, até um segurança, ou deste *shopping*, ou de outro *shopping*; de qualquer *shopping*, qualquer segurança. Não seria criterioso, por parte da polícia, manter sob sigilo a operação que eles estavam fazendo, diante da magnitude da operação?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Da parte deles, sim. É uma linha de raciocínio, é uma linha que eles poderiam seguir.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Eu faço essa pergunta, Presidente, porque ele disse que estranhou a posição da polícia em não ter comunicado aos seguranças do *shopping* a operação que eles estariam fazendo.

Então, eu pergunto especificamente se não seria um critério de sigilo, em razão da magnitude da operação, que envolvia a morte de um Deputado Federal?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Seria perfeitamente possível.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Convido então o Deputado Dagoberto, primeiro inscrito, a fazer as perguntas.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Você assistiu às gravações. Você viu essa figura desse tal Alemão?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. Veja bem, eu não saberia lhe dizer, porque eu não tive essa... é... a descrição de como essa pessoa estaria, de que forma ela estaria, qual seria a compleição.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Não tem nenhum momento em que os 2 estejam sentados numa mesa e que teria 2 pessoas?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Do que eu vi, em momento algum eu vejo até essas pessoas sentadas. A única coisa que eu vejo, que eu consigo afirmar para todos vocês aqui, de forma categórica, era o momento em que os policiais conduziram uma pessoa para fora do *shopping*, que estava com



uma camisa escura, não sei dizer aqui se era azul marinho ou preta. Na praça de alimentação eu não vejo ninguém com...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quer dizer que não ficou configurado que havia 2 pessoas sentadas lá em observação?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, prezado Deputado, veja bem: eu não tenho, eu não tinha esses elementos. Eu não tinha.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas a polícia não relatou e nem identificou essas pessoas para o senhor?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Como que foi feito? Como que foi feito? Eles entraram na Central, e eu deixei as imagens correndo. E eles ficaram à vontade vendo as imagens e apontando o que eles queriam e o que eles não queriam. Então, não foi dito: "*Esse aqui é o cara, esse aqui é o cara.*" Não. Eles ficaram lá e eles determinaram a seqüência dos fatos.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas eles te mostraram em algum momento os 2 ali conversando? Você chegou a ver isso, ou não, em algumas das cenas?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. A doutora aqui, ela acabou também vendo as imagens. Aparecem 2 pessoas conversando na praça de alimentação, mas, eu fazendo o comparativo da pessoa que saiu conduzida com essas pessoas que estavam sentadas, não são as mesmas pessoas, aparentemente, pelo tipo de roupa. Pelo tipo de roupa. A roupa que o cara saiu sendo conduzido...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quer dizer que está claro que em nenhum momento ficou comprovado que os 2 estavam conversando lá?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu não posso afirmar categoricamente, com essa ênfase.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Pelo menos com as roupas que ele saiu, na sua avaliação, não havia convencimento suficiente para o senhor para dizer que havia essas pessoas lá?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu não consigo afirmar categoricamente que aquela pessoa que saiu conduzida seria uma das... qualquer pessoa naquela praça de alimentação. Eu não consigo.



**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor, como policial, não acataria isso como prova?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Olhando dessa forma, não.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Muito bem. Outra pergunta eu queria lhe fazer...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Só um minutinho, Deputado Dagoberto. O que o senhor diz é que, como o senhor viu, o senhor acha que a pessoa que aparece saindo com os policiais não é uma daquelas outras 2, não lhe parece?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. Quais 2?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor nem sabe o que foi trazido para cá?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu não sei quais são essas 2 pessoas que vocês estão apontando, se referindo aí.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Mas o senhor falou que tem outra, que tem outra roupa.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Assim. Qual é o meu raciocínio? Eu vejo a pessoa saindo conduzida. Teoricamente, seria o Odair, com uma camiseta azul-escura ou preta. Eu não consigo ver pessoa com essa característica na praça de alimentação.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Muito bem. Só para esclarecer, se algum Deputado quiser, nós temos os CDs. Poderíamos com calma analisar, ver se são as mesmas pessoas.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu trouxe 3 CDs.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Não. Mas é muito importante, Sr. Presidente, essas perguntas para ele, porque uma coisa é a experiência que ele tem, e outra coisa é nós virmos a olhar. Para mim, vale muito a tua experiência como ex-policial e como responsável por isso, porque está acostumado com isso. A sua visão para uma câmara é diferente da nossa.

A outra pergunta que eu lhe faço: Essa fuga do Alemão. Em nenhum momento, então, nessa câmara apresenta ele se apresentando, ele andando rápido



ou ele correndo, ou alguma... ou algum dos seus policiais, seus agentes, viu alguma movimentação extra? Enfim, teve algum sinal de fuga desse Alemão?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Deputado, eu não vi a figura deste Alemão em momento algum.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Nenhum policial teu?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Nada, nada.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - E ninguém deu queixa de alguém correndo?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não, não, não. O que eu posso responder aqui com toda convicção: Eu não tive nenhuma movimentação de fuga, nenhuma movimentação de perseguição. Eu não tive nada relacionado nesse dia. Eu não tenho registro, eu não tenho relatos, eu não tenho absolutamente nada.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Sr. Bernardino, eu estou lhe fazendo essas perguntas porque aqui nós estamos avaliando 2 situações.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Perfeito.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Ou foi uma montagem de uma tentativa de homicídio, ou teve de fato uma tentativa de homicídio. É isso o que nós estamos avaliando. Na sua experiência — e agora começa a me preocupar —, esses policiais, independentemente, na minha avaliação, de que eles tinham que ter pegado... Eu estou dizendo isso porque eu já fui Secretário de Segurança Pública.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Perfeito.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Ele não utilizar os seus recursos, como diz o advogado, para poder proteger ou para facilitar a prisão dessa pessoa, isso... Você, como policial, usaria desse instrumento, ou você, conhecendo a estrutura que tem seu *shopping*, não dispensaria da sua estrutura?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu vou dizer ao senhor o que eu penso em relação a isso. Muito me preocupa uma ação dessa natureza, independente de ela ser sigilosa ou não, porque a minha preocupação lá hoje é com os meus clientes. Então eu gostaria de ter a informação e poder estar preparado se essa ocorrência porventura saísse do controle. Eu estive à frente do Shopping Morumbi por 8 anos. Eu estive experiências dessa natureza, de ações



policiais que, começando de forma discreta e sigilosa, que se precipitou em tiroteio, e eu não sabia identificar quem era polícia, quem era bandido, e não sabia para que lado atuar.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Lógico, lógico.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Então, a minha preocupação nessa operação agora... eu não tenho mais... eu não visto mais... eu não assumo essa posição de ex-policia ou policia. A minha preocupação hoje efetivamente é a segurança dos meus clientes no *shopping*. Então eu gostaria, sim, que pudesse ser envolvido. Eu não quero aqui de forma alguma atrapalhar. Muito pelo contrário, a minha presença aqui também é até no sentido de colaborar efetivamente. Mas eu gostaria de ter tido, sim, a informação, para que a gente pudesse efetivamente se preparar adequadamente para uma situação de ordem maior.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Bernardino, eu quero fazer a última pergunta a você. Isso para mim ficou claro porque isso é o maior de todos os amadorismos que já vi na minha vida, tentar prender alguém sem usar a tua estrutura, e quem ele tinha que prender deixar fugir ainda, e largar as coisas lá. Isso aí, para mim, estou mais do que convicto de tudo isso. Eu queria só te perguntar uma coisa. Na sua experiência, que você tem também enquanto responsável pelo *shopping*, você sentiu que isso poderia ter sido uma armação, ou de fato ocorreu esse fato?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Prezado Deputado, essa pergunta eu gostaria de não responder, sabe? De não responder porque...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas é isso que nós estamos apurando.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu sei. Eu concordo, mas eu tenho muito pouco elemento para tirar qualquer conclusão do episódio. O meu ponto de vista é que seria inteligente fazer uso de todos esses recursos, mas na contrapartida eu respeito a posição do prezado Deputado, porque quem detém a informação são os policiais. Então, quer dizer, de qualquer forma, feito dessa forma ou não, eu sou obrigado a respeitar. Eu não tenho os elementos que levaram eles a agir dessa forma. Então, agora, a minha opinião continua sendo





essa. Eu gostaria que tivesse sido dessa forma, que eu tivesse sido envolvido, para poder ajudá-los e me preparar também para uma situação pior.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas o senhor acha muito estranha essa situação?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu estou sentado aqui sem ter acesso ao complemento das informações.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Essa mulher dessa revistaria, o senhor conhece bem ela, essa proprietária?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Eu conheço de relação comercial com o *shopping*.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Ela afirmou com segurança de que foi feita essa prisão lá?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Prezado Deputado, eu não sei nem dizer se era ela ou se era uma funcionária dela que estava presente na revistaria. O que eu posso lhe dizer é que, quando eu conversei com a proprietária, a Sra. Madalena, ela confirmou que de fato aconteceu. Mas eu aqui agora não sei lhe dizer se era ela que estava presente ou se era alguma funcionária.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Ela nem falou se houve reação no momento da prisão ou se foi uma prisão normal?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não. A operação, segundo ela, foi uma ação extremamente discreta. Extremamente discreta.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Estou satisfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Antes de ouvirmos a Deputada Maria Lúcia, gostaria de fazer um apelo aos Srs. Deputados. Temos mais 2 testemunhas e às 5 horas teremos votação de plenário.

Então, com a palavra a Deputada Maria Lúcia.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Obrigada, Sr. Presidente, Sra. Relatora, Sras. e Srs. Deputados, serei breve no meu questionamento. É apenas para esclarecer uma dúvida com a nossa testemunha Sr. Salvador de Jesus. O senhor disse o seguinte. “*A informação que eu tenho é que o episódio aconteceu por volta de 11 horas*”. Quem informou ao senhor que esse episódio teria acontecido por volta de 11 horas?



**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Os próprios policiais, quando vieram requisitar as imagens, eles deram o parâmetro ali.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Os policiais é que informaram o senhor, então? Certo. Segundo questionamento. O senhor disse o seguinte: que o senhor presume que aquela moto deveria ser do Sr. Odair. Por que o senhor presume que a moto é do Odair?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Porque o que acontece? Os policiais entraram sem o capacete. Aí eles saíram conduzindo o Odair e carregando um capacete. Então, é só por associação de imagens.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Então, o senhor teve essa informação... o senhor presumiu apenas pelo fato...

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Pelas imagens.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Ah, pelas imagens. E essas imagens, Sr. Presidente, é que nós temos em CD?

Muito obrigada.

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - De nada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Mais alguma coisa, Relatora?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O Sr. Bernardino quer dizer mais alguma coisa?

**O SR. BERNARDINO SALVADOR DE JESUS JÚNIOR** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Então, eu agradeço ao Sr. Bernardino e à Dra. Carmem.

Vamos chamar a próxima testemunha, o Sr. Celso Braz do Nascimento.  
(Pausa.)

Antes de ouvirmos o Sr. Celso Braz do Nascimento, eu gostaria de ler o termo de compromisso:

*Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 5, de 2007 (Representação nº 12, de 2007), instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.*



*Sala das sessões, 25 de setembro de 2007.*

*Celso Braz do Nascimento.*

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Pela ordem.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Na nossa sessão passada, eu assumi o compromisso perante este Conselho que traria, na primeira oportunidade, documentos que comprovassem que o Deputado Mário de Oliveira não é proprietário e não é sócio do Deputado Carlos Willian no Sistema de Comunicação Alvorada Ltda. Eu tenho aqui documentos com carimbo de conferência com o original de autenticação do Ministério das Comunicações, que dão prova de que eles não são proprietários desse Sistema de Comunicação Alvorada Ltda., que é o proprietário, esse aqui proprietário... proprietário não, é concessionário da Rádio Alvorada FM lá em Minas Gerais. Então, está aqui, eu entrego ao Conselho para que fique registrado nos autos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Eu recebo e vou encaminhar à Relatora, apesar de que a Relatora já tinha solicitado inclusive cópias dessa documentação.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - É verdade, eu apenas me adiantei, Sr. Presidente, me coloquei à disposição do Conselho naquela oportunidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado.

Então, para ouvirmos o Sr. Celso Braz do Nascimento, já convido a nobre Relatora, Solange Amaral, para fazer as primeiras perguntas.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Boa-tarde, Sr. Celso, obrigada por ter comparecido. Nós já vimos algumas imagens do senhor numa acareação, digamos assim, com o Sr. Odair, que foi preso. Se o senhor puder falar um pouquinho onde o senhor trabalha, qual é a sua relação, se o senhor conhece os Deputados, qual é a sua relação com essas pessoas, se o senhor puder falar brevemente.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Ok. Boa-tarde, Sra. Relatora, Sr. Presidente, Srs. Deputados. Na realidade, eu trabalho na Igreja do Evangelho Quadrangular já há muito tempo. Eu estou atualmente respondendo à Secretaria-Geral de Comunicação da Igreja. Eu pertenço à Igreja do Evangelho Quadrangular



há 47 anos. Eu tenho 49 de idade, então há 47 anos eu sou dessa Igreja. Nasci praticamente nela e cresci nela. E tenho, ao longo de quase 10 anos, tido a oportunidade de trabalhar ao lado do Deputado, Pastor, Mário de Oliveira, também Presidente da nossa Igreja. Também tive oportunidade de, num determinado tempo, curto, de conhecer o Deputado Carlos Willian quando o mesmo era advogado da nossa Igreja, do Conselho Nacional de Diretores da nossa Igreja. Nossa convivência, relação de amizade, foi sempre tranqüila. Nós pouco conversávamos porque naquele momento, naquele período eu tinha a oportunidade apenas de buscá-los junto ao aeroporto, levá-los até a sede administrativa de nossa Igreja, e ele como advogado tinha lá uma sala para trabalhar e as atividades dele. Então, esse era o relacionamento que eu tinha de contato e de amizade quando, uma ou outra vez, a gente, após os trabalhos, a gente saía com toda a liderança, toda a diretoria para momentos de jantar. Este é o contato e a amizade que eu tenho com o Deputado Carlos Willian. Com o Deputado Mário de Oliveira o meu contato já é um contato mais íntimo, mais especial porque a minha família, a minha mãe e a mãe do Deputado, elas foram juntas para a Igreja. Então, a nossa família tem um contato muito antigo, assim de muitos anos, embora a nossa diferença de idade, então na juventude dele eu era criança ainda, mas eu tive amizade e contato com os irmãos menores. E foi assim o contato e o conhecimento que eu adquiri acerca de Mário de Oliveira, um amigo, não um companheiro, como eu li numa declaração, mas um amigo, um membro de família, da qual eu, a minha mãe, hoje falecida, e também minha esposa, meus filhos sempre tiveram, na pessoa de Mário de Oliveira um exemplo, uma pessoa a que nós podemos dedicar a nossa amizade, a nossa fidelidade porque foi sempre uma pessoa que nos ajudou, nos ajudou a sermos, dentro daquele trabalho que estamos desenvolvendo dentro da Igreja, nós sempre fomos aprendizes, e ele se tornou para a gente um referencial de vida, de ética, de postura, de administração, e esta é a forma que eu vejo Mário de Oliveira. Um homem que na nossa Igreja ele deu uma visão diferenciada de administração, transformando a Igreja do Evangelho Quadrangular na terceira maior denominação do Brasil, mais de 8 mil templos, mais de 40 mil pastores e pastoras e, segundo o IBGE, mais de 3 milhões de membros. Então, essa é a administração que Mário de



Oliveira veio trazendo a esta Igreja, com solidez, com segurança, com tranqüilidade, com transparência e, acima de tudo, com ética.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sr. Celso, eu queria lhe fazer uma pergunta — na verdade vou fazer 2: o senhor conhece o Sr. Odair, já conhecia.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Conheci, conheci no processo...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Já conhecia?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, não, conheci durante o período em que ele foi trabalhar na Igreja.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O que aconteceu com essa pessoa? Por favor, eu queria que o senhor... o que aconteceu? Ele é preso, o senhor é chamado para uma acareação. O que aconteceu? Aí depois ele muda o depoimento. Ele ainda não veio aqui, nós estamos nos esforçando.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Certo.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor que o conhece...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Na realidade...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O que aconteceu? Que pessoa é essa? Quem é essa figura?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Na realidade, o Sr. Odair, para a gente também que pertence à Igreja, não era essa pessoa tão conhecida até o dia dessa mudança toda. Por quê? Ele trabalhou numa determinada igreja nossa como auxiliar, pastor auxiliar. Após a sua conversão... No próprio relato dele, ele diz que veio de um mundo onde ele usava drogas. Então, diz ele que teve um período de conversão, ou seja, ele deixou esse período de drogas, passou a congregar em uma de nossas igrejas, num bairro de São Paulo e um dia ele chegou até à sede administrativa nossa, procurou um dos nossos líderes, precisando de emprego. Dizia ele estar cuidando de 2 crianças, 2 sobrinhas, e a mãe dessas crianças havia morrido e o pai também, e ele e a esposa dele, enquanto viva, cuidavam dessas crianças. Para ele conseguir a guarda dessas crianças, ele precisava de um emprego com registro em carteira. Embora ele já trabalhasse como auxiliar numa determinada igreja, o ministério sacerdotal, o pastor não é remunerado, não existe salário pastoral. Então, ele tinha que trabalhar com registro em carteira. Foi quando ele foi até o escritório da Igreja, solicitou a um dos nossos líderes essa possibilidade



de emprego. E, contando a sua história e tendo da parte do pastor o qual o cuidava e o representava este aval de que ele, até então, tinha comportamento idôneo, tinha lá uma postura ética, tinha uma postura ilibada, tinha, enfim, toda a característica de uma pessoa de Deus, como é chamada, então o escritório contratou o Odair para trabalhar. Ele passou a trabalhar na parte administrativa e foi indicado a trabalhar conosco. Então, a partir daquele momento que eu também passei a ter essa convivência com o Odair. E conhecendo ele como um pastor auxiliar, conhecendo ele como líder de uma casa de recuperação, ali surgiu a amizade, foi a partir desse momento só. E essa mudança, essa transformação e tudo isso que passou a acontecer com o Odair, toda essa trama que foi armada, que foi feita para nós também foi uma grande e triste surpresa, porque todos nós fomos pegos de um momento para outro nessa história triste que nós estamos vivendo aqui. Então, o Odair esteve lá conosco. Num grande período ele parecia ser uma pessoa tranqüila, normal, de confiança. Ele, com o jeito dele, ele passou a cativar toda a liderança. Ele tinha contato com todo o mundo, ele conversava com todo o mundo. Todos gostavam dele, todos tinham por ele um respeito, até o dia em que nós fomos pegos de surpresa com essa história.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Mas há muitas coisas esquisitas. Ele tinha uma moto que custava 30 mil reais, ele tem várias passagens no gabinete do Deputado Mário de Oliveira. Ele... Enfim, há muita coisa. Ele não era assim tão superficial. O que aconteceu?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - A questão da moto, que a senhora está citando...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Que intimidade era essa que de repente ele...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - A questão da, da...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Porque — só para avançar — há quem fale em tentativa de chantagem, em busca de vantagens. Não é essa a figura de um pastor que não tem salário, que assina uma carteira. Essa figura... Como o senhor conviveu com ele, eu tenho que lhe...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não convivi.



**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Não, o senhor conviveu de alguma forma.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É. Havia um contato de trabalho.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - É uma figura muito esquisita.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Exatamente. Eu concordo com a senhora. Havia um contato de trabalho, um contato em que ele tinha as atividades dele, as obrigações dele e *(falha na gravação)* não havia essa intimidade ou qualquer coisa mais próxima. Ele tinha os seus compromissos. Nós procurávamos passar a ele as atividades que ele tinha que desenvolver. Ele não era como um *office boy*, uma pessoa comum. Ele tinha a sua atividade remunerada, mas ele era uma pessoa respeitada dentro do contexto. Ele não era um Zé Ninguém, um comum. Ele tinha a tranqüilidade de conviver entre as autoridades da Igreja. Então, esta foi a grande surpresa, que nós de repente percebemos que aquela pessoa que tinha uma personalidade ali conosco de um companheiro, de repente nós tivemos aí a notícia de que na realidade esta trama ou esta armação ou tudo aquilo que foi feito foi feito justamente por ele. Foi uma surpresa quando...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor acredita que ele tramou a morte do Deputado... o assassinato do Deputado Mário de Oliveira? O senhor acredita?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Do Deputado Mário de Oliveira, não.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Não, se o senhor acredita que o Odair participou disso.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, não. Que ele tramou do Deputado Mário de Oliveira?...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Sim, ele foi preso.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Mas eu acho que é do Carlos Willian, não é?

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Do Carlos Willian, perdão.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Ah, está certo.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Desculpe.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, tudo bem. Eu acredito que...



**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Não, porque eu ia perguntar, porque se acredita numa coisa e na outra, e depois ele vai e diz que é tudo uma armação do outro Deputado.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É, na realidade, se ele tramou contra um ou contra o outro, a gente não tem realmente hoje uma ressonância da história, porque já se conta que ele desmentiu tudo o que ele falou. E ele, em tendo desmentido e tendo falado de uma outra forma, mostra que alguma coisa aí, existe alguma coisa aí que precisa realmente ser olhada melhor. Agora, que o Deputado Mário de Oliveira jamais pediria isso ao cidadão, ao Odair, uma vez porque, embora ele tivesse esse trâmite de vir aqui ou estar onde esteve com o Deputado Mário de Oliveira, conforme a senhora relatou, ele tinha esse trâmite por conta desse trabalho que ele fazia de recuperação de...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Mas é inegável que eles foram próximos. Ele viajava com o Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - As viagens que aconteceram, pelo menos as...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Não, o próprio Deputado Mário de Oliveira disse aqui...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Certo.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - ...que era um companheiro, um pastor...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Certo. Eu creio que... Exato.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - ...uma pessoa que fazia companhia, que às vezes ia buscar... Enfim, não é alguém assim tão distante, é alguém próximo.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Exatamente. Eu creio que essas viagens que aconteceram...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Vinha a Brasília e ia a São Paulo.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - ...muitas delas aconteceram fruto de uma ação que estava sendo desenvolvida, continua sendo desenvolvida dentro da Igreja. Porque há um projeto estabelecido pelo Pastor Mário, como presidente da





Igreja, de criar ações sociais pelo Brasil. E como ele tinha esse trabalho e ele estava desenvolvendo esse trabalho muito bem, então eu creio que muitas dessas viagens ocorreram em função desse trabalho. As idas dele, inclusive, a Belo Horizonte foram em função da criação de uma ONG, de uma ação social.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Por que o senhor foi chamado ali para ser acareado com ele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Porque ele disse, lá na delegacia, que eu tinha conversado com ele acerca de achar alguém para que pudesse fazer algo em relação ao Deputado que era inimigo do Mário de Oliveira. Ele disse isso lá, e aí eu fui chamado para ouvir essa denúncia e também para responder acerca disso. E eu, realmente, naquele momento eu já fui pego de surpresa porque eu estava chegando de minha cidade, Bauru, e quando eu chego lá na secretaria onde eu trabalho, havia 2 senhores lá, que se identificaram como policiais de uma delegacia de seqüestro, anti-seqüestro. Naquele momento, quando eles disseram aquilo, eu levei um susto, eu achei que poderia ser alguma coisa relacionada a alguém da família. Eles disseram: *“Olha, você precisa ir conosco até a delegacia para prestar esclarecimentos”*. E foi a única frase que eles disseram. Eu falei: *“Bom, é importante?”*. *“É importante, você tem que ir conosco agora”*. Foi essa a frase. Eu comuniquei a minha secretária. Eu falei: *“Olha, eu estou saindo, ficarei em contato; qualquer novidade, estou ligando para informar o que está ocorrendo”*. E foi quando então eu soube, lá próximo já da delegacia, que o Sr. Odair havia feito esse tipo de declaração e que nessa declaração ele havia apresentado o nosso nome. Eu fui lá justamente para dizer da minha surpresa, da minha indignação, do susto que eu tomei em de repente chegar lá e ter o meu nome envolvido em algo de que eu não tinha nem idéia, não sabia. Porque eu sou de São Paulo, não tenho nada a ver, não sabia de nenhuma informação relativa a qualquer problema, qualquer situação entre os 2 Deputados. E, no entanto, eu tive que chegar e conversar com a autoridade presente para mostrar que eu não tinha absolutamente nada com tal assunto.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor tinha encontrado o Odair naquele dia, no dia anterior?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, senhora. Não tinha encontrado. E pelo que eu soube, eu percebi, ele havia sido detido naquele mesmo



dia, acho que na parte da manhã. Ficou o dia todo com os policiais. Eu estava vindo para São Paulo, e algumas vezes ele me ligou dizendo: “*Você está vindo para São Paulo?*” Eu falei: “*Estou indo para São Paulo. Estou chegando a São Paulo*”. “*Mas está chegando?*”. “*Estou chegando*”. Umas 3 ou 4 vezes, até que...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor não o via desde quando?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Já tinha uns 2 meses, porque houve um período...

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - E o senhor ia encontrá-lo?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, eu estava indo trabalhar em São Paulo. Eu estava indo para o meu trabalho mesmo. É um processo que eu faço já há 10 anos: eu saio da minha cidade na segunda-feira à noite, ou na terça-feira, vou trabalhar e volto na sexta-feira para a família. Então, foi nessa chegada a São Paulo que eu fui informado. E foi lá que eu, dirigindo-me à delegacia, recebi a real informação.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor sabia que estava sendo filmado, Sr. Celso?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Houve um momento, quando da acareação, que um — acredito — detetive ou investigador apresentou uma câmera de mão. Naquele momento, eu lembro que ele estava filmando. Se em outros momentos havia câmeras, só se estavam escondidas ou ocultas. Mas, naquele momento, houve realmente uma filmagem. Quando o delegado fez as perguntas, eu respondi, na própria palavra do delegado, eu respondi “*veementemente*”, com segurança, com certeza, que aquilo não tinha nada a ver com a minha vida. Eu não tinha nem informação nem nada acerca do assunto. Mas eu vi, nesse momento, que esse investigador estava com uma câmera na mão, sim.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - O senhor já tinha ouvido falar no Alemão? O Alemão era amigo do Odair? Era...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, senhora. Nunca ouvi falar. Foi a primeira vez que foi citada a história do Alemão. Não tenho idéia. Não posso imaginar nem se existe o tal do Alemão. Não tenho idéia, senhora.

**A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL** - Presidente.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra o Dr. Itapuã Messias.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, eu gostaria de perguntar se ele tem alguma sociedade, alguma cota de participação ou, de alguma forma, é dirigente da — esqueci o nome — entidade que o Odair é presidente lá, a respeito da recuperação de drogados. Estou fazendo esta pergunta, porque os policiais disseram que o Odair teria dito que ele é proprietário do imóvel ou tem uma cota de participação e que, por isso... Bom, a primeira parte da pergunta é se ele é sócio dessa casa de recuperação de viciados, de drogados.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não sou sócio de nenhum imóvel. Não tenho nenhum imóvel na cidade de São Paulo, na cidade de Osasco ou na periferia. Não tenho nenhum tipo de imóvel. Não faço parte da associação. Não tenho nenhuma ligação, e nunca tive nenhuma ligação, com essa associação. Nunca tive e não sou sócio, nem proprietário de nenhum tipo de imóvel.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, o depoente disse aqui que o Odair procurou um líder da igreja e que esse líder o teria indicado. Esse líder é o Deputado Mário de Oliveira? Ou ele pode identificar quem foi o líder que o Odair procurou e, por essa razão, foi contrato pelo Conselho Nacional de Diretores da Igreja do Evangelho Quadrangular.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O líder que ele procurou é um dos nossos pastores, que também trabalha no escritório, chama-se Antonildo de Carvalho. Esse pastor teve também o Odair algum tempo como auxiliar em sua igreja, quando da fase nobre do Odair como pastor e auxiliar, e ele foi o intermediário, aquele que pediu que fosse contratado para atender à necessidade do Odair.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Se esse senhor — se ele tem conhecimento — tem alguma participação, de alguma forma é gestor, diretor ou participa ou aluga o imóvel dessa entidade lá para o Odair.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, não. Não há nenhuma ligação. Nenhum dos diretores, nenhum dos conselheiros, nenhum de nós tem qualquer ligação, seja por questão de participação na sociedade, na fundação, nem



como proprietários, nem como locadores. Não existe nenhuma ligação de nenhum dos conselheiros com o Sr. Odair. Nenhum deles.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Se alguma vez, Sr. Presidente, o Sr. Odair teria procurado a testemunha e lhe comunicado que algumas pessoas teriam sido presas pela Polícia Federal, pela Polícia Rodoviária Estadual ou pela Polícia Rodoviária Federal, e que essas pessoas que foram presas, por alguma razão, precisavam ser liberadas e que, para serem liberadas, era necessário a liberação de um determinado dinheiro, e que o Sr. Odair poderia procurar o Deputado Mário de Oliveira para liberar esse dinheiro, para conseguir esse dinheiro para a liberação dessas pessoas que foram presas. Se ele tem conhecimento desse assunto ou, mesmo que não o envolva, se ele tem conhecimento de alguma coisa que diga respeito a um fato semelhante, análogo, que o Mário saiba ou que ele saiba ou que alguém saiba.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Nada sei a respeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Nada sabe.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, os policiais... Essas perguntas que eu estou fazendo é porque o policial teria dito aqui mais do que isso — por isso eu quero uma confirmação dele —, que ele não apenas procurou o Deputado Mário, mas que pediu 40 mil reais. O Deputado Mário teria lhe dado esses 40 mil... Eu vou fazer a pergunta ao final. O Deputado Mário teria lhe dado esses 40, e ele teria dado um *bypass* no Odair e entregue apenas 10 para o Odair e ficado com 30 para ele. Foi a informação... Se ele chegou, por essa razão ou por qualquer outra razão, além daqueles mil e poucos reais que eram liberados para a entidade a título de colaboração pela Igreja do Evangelho Quadrangular, se ele chegou a pedir ou liberar algum dinheiro para o Odair da Silva, ou se ele poderia falar alguma coisa sobre isso, Sr. Presidente.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Primeiro, eu não tenho autonomia para liberar dinheiro para ninguém. Eu não mexo com dinheiro. A minha secretaria é de comunicação, mexe com papel, com trabalho de gestão de *marketing* da igreja. Então, nós não mexemos com dinheiro. Segundo, essa informação, ela me... Estou surpreso com essa informação, porque não aconteceu isso, não houve essa petição ao Deputado Mário. Eu nunca pedi dinheiro para ele para repassar. Ao Odair, então,



eu estou desconhecendo plenamente essa informação. Talvez seja mais uma trama do que realmente verdade. Não houve isso.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, ele relatou aqui que os policiais o procuraram e o levaram até a delegacia, onde ele prestou um depoimento e, depois, uma acareação. Como foi a forma? Gostaria que ele nos relatasse, trouxesse ao Conselho a informação de como foi a forma de tratamento, de que maneira esses policiais conduziram o diálogo com ele, no geral e individualmente. Como foi a abordagem feita a ele naquele encontro, dentro, antes, durante e na saída da delegacia.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Quando eu cheguei à delegacia, fui colocado numa sala, e ali foi quando oficialmente um dos policiais disse: *“Olha, a casa caiu. Você tem de contar tudo o que sabe, porque nós temos aqui umas gravações que te condenam”*. Eu disse ao policial: *“Se o senhor já tem alguma coisa que me condena, o senhor quer ouvir o que de mim? Se o senhor tem algo que me condena, então me condene”*. Aí, ele disse: *“Não, você tem que contar tudo o que você sabe”*. Eu disse: *“Eu não sei do que o senhor está falando”*. *“Não, você tem que contar porque já foi falado que você faz parte de uma trama que está sendo armada para exterminar a vida de um Deputado.”* Eu falei: *“É o senhor que está dizendo isso. É o senhor que está falando isso”*. *“Mas a gente tem gravado.”* Eu falei: *“Então, o senhor usa a gravação que o senhor tem para dizer e para mostrar o que está sendo falado aqui. Mas eu não tenho nada a dizer sobre isso, porque eu não sei do que o senhor está falando. Está sendo para mim, aqui, inédita essa informação”*. Aí, levaram-me a uma outra sala; lá colocaram-me junto com o Odair, ele estava algemado naquele momento; os 2 policiais saíram da sala; eu fiquei com o Odair um tempo ali; o Odair olhava para mim; eu olhava para o Odair. Eu conversei rapidamente com o Odair. Eu falei: *“Odair, o que você está fazendo? O que aconteceu com você? Você usou droga? O que aconteceu? O que é isso? Que palavras são essas?”*. Ele não conseguia expressar as palavras porque ele ora chorava, ora se mostrava tremendo, com o nervo à flor da pele, ora ele apontava para o joelho. Eu não entendia. Ele estava com algema. Depois tiraram outra vez o Odair e disseram: *“Vamos levá-lo para o socó”*. Eu não entendi o que significa socó. Depois, alguém disse que era um tipo de cadeia lá dentro da casa, da delegacia. *“E*



*ele vai ter de contar mais, vai ter que falar mais.” E aquilo, eu fiquei... Aí, entrou uma policial feminina, que começou a proferir uma seqüência de palavrões falando contra a minha igreja, contra a minha vida, contra o pastoreio, dizendo que pastor não presta, que igreja não vale nada e tudo o mais, mas que eu tinha de ligar para o Deputado, porque eu tinha de fazer, eu tinha de contar. Eu falei: “Mas vocês querem que eu ligue para quê? Para que eu tenho que ligar para o Deputado. Se vocês estão falando aqui que têm essa informação, que existe a verdade, que foi gravado, então, falem vocês ao Deputado, liguem vocês”. Na seqüência, fomos para a sala de acareação, e um dos policiais disse assim: “*Olha, liga para o Deputado, você pode parar isso aqui. Você pode parar isso aqui. Pára isso agora, aqui*”. Eu falei: “Mas, parar como?”. “*Liga para o Deputado, fala para ele ligar para cá.*” E eu disse ao policial: “Senhor, liga o senhor, eu não vou ligar, eu não tenho por que ligar. Se eu não estou falando mentira, não vou ligar, não vou ligar, liga o senhor. O senhor está com a verdade, o senhor está com a filmagem, o senhor está com tudo, liga o senhor para o Deputado”. E, aí, a partir daquele momento, fomos para a acareação, o Odair falou uma coisa, eu falei a mesma frase, as mesmas palavras que eu já havia pronunciado na minha declaração, e, no final, quando encerrou, já na porta da delegacia, no meu carro — eu fui com o meu carro, estava estacionado —, chegando ao meu carro, veio outro policial e disse assim: “*Olha, nós podemos abortar isso aqui. Vamos abortar esse negócio aqui? Porque, se não, amanhã vai para o Jornal Nacional.*” Eu disse: “Então, que vá para o *Jornal Nacional*, mas eu não tenho o que fazer para abortar nada, não tenho de dizer nada, não sei de nada e não vou fazer... Eu posso informar o Deputado que existe aqui alguma coisa armada contra ele. Posso informar isso daí, que tem uma informação aqui ruim contra ele. Isso eu posso fazer”. Aí, o policial, encerrando esse assunto comigo lá, falou: “*Então, vá embora. Se você quiser, amanhã você volta aqui.*” E, naquela minha saída, eu falei com meu advogado, procurei falar com ele, contei o que estava acontecendo naquele momento, disse para ele tudo o que aconteceu naquele fim de tarde, início de noite, e ele me orientou: “*Não volte lá, não fale nada, vamos deixar isso daí, porque, se for verdade, vai aparecer; se for mentira, também vai aparecer*”.*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Mais alguma pergunta, doutor?



**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, os meios de comunicação de São Paulo chegaram a divulgar a participação, a acusação de participação dele? Isso, de alguma maneira, atingiu ou prejudicou a ele ou a sua família? Enfim, isso foi divulgado em São Paulo também ou só em Minas Gerais e aqui em Brasília?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, foi divulgado em São Paulo, foi divulgado principalmente na minha cidade, a cidade de Bauru, onde eu nasci, e, em especial, a divulgação desse fato, na cidade de Bauru, minha terra, onde eu estou convivendo com a minha família, gerou, realmente, o maior estrago dessa história, porque eu tenho um casal de filhos, de 17 anos e 15 anos, na fase da adolescência, e os meus filhos foram os que mais sofreram com isso, porque eles tiveram sempre a imagem de um pai que trabalhou. Sempre fui um cara que trabalhou. Vim de uma família simples também, como muitos aqui, e de trabalho, de luta, de guerra mesmo, para poder conseguir alguma coisa na vida. Não tenho muita coisa. Tenho uma casa e um carro que me foi doado. E simples é a minha vida, mas de dignidade. Em Bauru, eu sou pastor de uma grande Igreja. Estou em Bauru há 16, 19 anos como pastor. Administro 30 igrejas na minha Superintendência. E lá todos me conhecem e sabem da minha dignidade, da minha honestidade. Quando esse fato foi divulgado, foi como uma bomba que caiu na minha casa. Meus filhos, minha esposa, nós sofremos muito. Até hoje, nós temos o resultado. Minha filha precisou fazer um pouco de tratamento, porque ela ficou depressiva diante desse fato; os colegas da escola olhando diferente, apontando, falando, porque saiu foto no jornal do pai dela dizendo que ele havia planejado a morte de Deputado. E eu nunca na minha vida planejei a morte nem de uma mosca. Na minha vida, sempre trabalhei com a vida. Sempre fui da Igreja, cresci na Igreja. E, ainda, aqui dentro mesmo, enquanto aguardava, eu ouvi alguém falando: "*Ó, tem de espremer esse Celso aí, porque ele sabe das coisas*". Não precisa espremer ninguém, não, o que eu souber eu vou falar. E o que eu sei é isso mesmo. Sei que houve aí uma armação, sei da idoneidade do Deputado Mário de Oliveira. A mim ele nunca pediu algo de tamanha gravidade, a sua vida fora da Igreja e dentro da Igreja é conhecida pelo Brasil afora, então, para mim, foi realmente um estrago muito grande, e estou pedindo a Deus para consertar.



**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Agradeço a V.Exa., Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Consulto o Dr. Luiz Carlos sobre se deseja fazer alguma pergunta.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Pela primeira vez, vou dar um pouco de trabalho ao Conselho, porque tenho algumas perguntas, evidentemente, para fazer. Peço a V.Exa. paciência.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Pode começar.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Começar até pelo fim. Com essa abordagem de extorsão procedida, segundo a testemunha, por parte da polícia, eu gostaria de saber — parece que já respondeu — se ele comunicou isso ao Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não disse que era extorsão, eu disse que houve... que aquele policial disse que poderia abortar o assunto. Se isso caracterizou extorsão, a mim ele não pediu valores, não disse quanto ele queria para qualquer assunto. Mas eu conversei com o meu advogado e disse a ele: “Olha, houve esses fatos, assim aconteceu, e se você puder me orientar ou passar essa informação passe, porque alguma coisa está errada”. E foi assim que nós fizemos. Eu creio que pode ter sido informado. Eu, particularmente, procurei só compartilhar com meu advogado essa questão, que havia acontecido isso comigo lá na delegacia, e que precisava... O que eu deveria fazer: ir ou não ir? E fui orientado a não ir em busca de mais contatos ou de qualquer outro assunto.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Excelência, a pergunta que faço à testemunha é se comunicou esses fatos ao Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu comuniquei ao meu advogado.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Continuo insistindo em perguntar se ele comunicou. É “sim” ou “não”, “comuniquei” ou “não comuniquei”. Eu gostaria que ele relatasse ao Conselho.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É, eu não comuniquei ao Deputado, eu comuniquei ao meu advogado.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Excelência, eu pergunto à testemunha, que se diz amiga, fiel escudeiro, secularmente reconhecida pelo Deputado Mário de Oliveira, se não teria algo de muito relevante para comunicar ao





seu chefe imediato diante daquilo que estava acontecendo dentro da polícia de Osasco.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O que estava acontecendo dentro da polícia, eu não sei. Eu não comuniquei, falei só com o meu advogado. Não falei nada para o meu Deputado.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Excelência, a testemunha está dizendo que a polícia teria tentado, de alguma forma, extorquir o Deputado Mário de Oliveira em relação aos fatos que são perseguidos aqui perante este Conselho. Somos pessoas sérias, estamos tratando de assuntos sérios e devemos ser tratados de forma séria. A pergunta que eu estou fazendo é se ele não achou isto relevante para levar imediatamente ao conhecimento do seu chefe imediato?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Achei relevante, mas eu fiz o curso normal: eu comuniquei ao meu advogado e pedi que ele fizesse, transmitisse ao Deputado se ele achasse conveniente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O advogado fez?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu creio que fez sim, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Excelência, a testemunha diz que crê. Eu quero saber se ele, em algum momento, após isto, fez esta comunicação ao Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Fez, fez. Fez, sim, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Qual foi a atitude do Deputado Mário de Oliveira, sendo Parlamentar Federal, com acesso à tribuna da Câmara, em denunciar essa operação que fora realizada pela Polícia de Osasco?

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, pela ordem. Só para informação a V.Exa. e ao Conselho, o Deputado Mário de Oliveira, justamente, foi à Corregedoria da Polícia Civil de São Paulo e fez a denúncia. Agradeço a V.Exa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Quando V.Exa. pedir uma questão pela ordem, espere uma resposta da Presidência, por favor.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Desculpe, Sr. Presidente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quanto tempo depois, esse fato foi comunicado ao Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - No dia seguinte.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Por quem?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Porque foi quando o meu advogado conseguiu falar com o Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O odair permaneceu quanto tempo na Igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu creio que ele tem, aproximadamente, uns 12 anos.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Como membro da Igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Como membro da Igreja.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - De que igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Da Igreja do Evangelho Quadrangular, antes no Jardim Umarizal, São Paulo.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quantos membros havia à época em que ele foi sediado como membro nessa Igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Uns 1.200 membros.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Entre esses 1.200 membros, qual era a categoria dos membros da Igreja: advogados, psicólogos, engenheiros, juízes, promotores, policiais.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não pertenço a essa Igreja. Eu não sei dizer para o senhor. Mas eu sei que tem advogados, tem psicólogos, tem empregadas domésticas. A nossa Igreja tem, na sua membresia, desde o mais humilde. Há desembargadores, há Deputados. A nossa Igreja tem toda categoria de membresia — empresários, pobres, ricos. Temos todos na Igreja.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Por que não um desses membros, desembargadores e autoridades, como membros da Igreja, não se formou como amigo do Deputado Mário de Oliveira para acompanhá-lo, para viajar com ele, para fazer companhia para ele, em razão da solidão dele, como inclusive já foi relatado por ele mesmo aqui em Brasília, e exatamente ele escolhe uma pessoa com um perfil desagregador e com antecedentes criminais como esse moço tinha. V.Sa. pode esclarecer ao Conselho?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu acredito que o senhor está fazendo uma colocação diferente daquilo que a gente tem de responder aqui. A



escolha da companhia de alguém não se mede pelo grau e pelo nível de intelectualidade; não se mede se é rico, se é pobre, para ser amigo; para fazer companhia. Eu sou pobre, e o Deputado Mário de Oliveira me escolheu como amigo. A escolha é dele. E ele tem amigos desembargadores que ele também escolheu para serem amigos dele. Mas os desembargadores, as pessoas de grande competência, como o senhor mencionou, têm os seus compromissos. Acredito que um desembargador não tenha tempo de ficar viajando com o Deputado, principalmente ele, que tem a base de vida em Belo Horizonte, a Igreja em São Paulo para administrar e aqui em Brasília como Deputado. Um desembargador não tinha como ir acompanhando-o em todos esses trajetos. Eu creio, senhor, que, na questão dessa companhia, até então, ninguém disse assim: “Olhe, não ande com o Odair, porque ele é bandido, é ladrão, ele é sem-vergonha, ele é armador de confusão, ele é traçoeiro”. Ninguém conhecia essa personalidade do Odair. Até então, para nós, e com um respaldo do seu pastor titular, ele tinha uma vida de 12 anos, casado, bem casado, cuidava muito bem da esposa, muito bem dos seus filhos, e tinha ali ainda um trabalho de recuperação de drogados, o GRADE. E esse homem, até então, tinha um testemunho de vida, de alguém que veio do mundo do crime, como usuário de droga. O mundo do crime de que ele falava era o de usuário de drogas — então, nem traficante ele era, mas usuário. E esse homem se converteu, passou a freqüentar à Igreja e, no seu trabalho junto à direção, como eu disse antes, por ter um trâmite natural, ele era conversador, batia papo, ele era uma pessoa bem falante e conquistou todos os membros da diretoria da Igreja. Então, ele tinha ali um rol de amizades. Eu creio que a escolha do Deputado, em que uma ou outra viagem acontecera, não foi porque ele era nem desembargador e nem pobre.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - É porque ele é um descompromissado com antecedentes, pelo que eu concluo. V.Sa. disse, em termos de declarações na Polícia de Osasco, que ele era um débil mental. Confirma isso? Está assinado por V.Sa. às fls. 33.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Então, o senhor está lendo errado aí. Eu não disse isso.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - *“Que o declarante sempre teve uma boa amizade com o Odair, acreditando que o Odair estava sofrendo de alguma insanidade mental”.*

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É diferente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, não é... Quem sofre de insanidade mental não é débil mental?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, não. Senhor, é uma situação, sofrendo...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Dr. Luiz Carlos, não vamos dialogar aqui. Vamos fazer as perguntas apenas.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O senhor confirma essa declaração? O senhor confirma, Sr. Celso, essa declaração de que ele devia estar sofrendo...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Está escrito, senhor. Eu confirmo. Está escrita.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Confirma?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Confirmando.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Por onde anda o Odair nos dias de hoje?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu acreditei, vou responder ao senhor. Eu acreditei que, naquele dia, naquele momento, se tratava disso, de uma insanidade mental, tamanha a disparidade da palavra, do comprometimento que ele fez com a minha vida.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, logo depois dessa declaração, o senhor disse que viajou em companhia de Odair de São Paulo para Bauru e de Bauru para Belo Horizonte, a serviço da Igreja, em diversas ocasiões, sempre em eventos de viagens. O senhor nunca percebeu, então, nesse período, que ele tinha algum problema mental?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, senhor. Por isso que eu disse que ele “deveria, naquele momento”. Quando eu fui indagado pela autoridade: por que o Odair usou o teu nome? Eu falei: “Ele só pode estar sofrendo de uma insanidade mental”, porque não havia uma outra explicação. Eu não saberia,



naquele momento, dizer por que ele citou o meu nome. Poderia ter citado qualquer outro nome, citou o meu. Então, como eu estava ali respondendo, eu disse exatamente isso.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quanto a essas viagens para Belo Horizonte com o Sr. Odair, quantas viagens foram?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Olha, eu devo ter viajado com ele umas 2, 3 vezes. Fui a 2 seminários e fui com ele, a família dele, os filhos dele, a minha família, numa terceira viagem.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - As despesas eram pagas por quem?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Por nós. As minhas, de férias, da minha família, por nós, e as 2 viagens de seminários pela nossa Igreja.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Ficaram no mesmo hotel?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - No mesmo hotel, não no mesmo quarto.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O senhor fez várias outras viagens sem ser com o Odair para Belo Horizonte?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, senhor. Fui para Bauru, porque a ida do Odair para Bauru se tratou porque num período eu estava sem a minha carta de motorista, e ele como um companheiro, por 2 ou 3 vezes, ele me...

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - A serviço da Igreja, quantas viagens para Belo Horizonte?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Três vezes, comigo.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Três vezes. Nessas 3 vezes em que o senhor viajou para Belo Horizonte, alguma dessas vezes encontrou-se com o Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, não, porque nós fomos para outros fins, outro trabalho, e não tivemos esse encontro pessoal.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Por que razão não se encontrava com o chefe da Igreja, já que estava em serviço especificamente para a Igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Sim, eu estava trabalhando para a Igreja, não para o Deputado, para a Igreja.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, a pergunta que eu faço é: por que não se relacionava com o chefe da Igreja, uma vez que especificamente viajava com interesses da Igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Mas me relacionar, eu me relaciono com o meu líder quase toda hora, todo instante, por telefone, *fax*, em todos os momentos. Exatamente, na minha ida para Belo Horizonte, era outro evento, era encontro de pastores.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, mas é exatamente isso que eu estranho, por que o senhor faz contato com ele direto, mas quando vai para Belo Horizonte, exatamente aí, o senhor nunca se encontra com ele.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, porque não havia necessidade, estava indo a um evento. Quando vou para Belo Horizonte fora da Igreja, eu durmo na casa dele, moro com a família dele, a mãe dele é como a minha mãe. Então, o relacionamento, meu senhor, é familiar, e é bastante familiar. Mas quando eu estava a serviço na Igreja, como palestrante ou como convidado a cobrir os eventos... Como secretário de comunicação, eu tenho de cobrir muitos eventos, não só em Minas. Minas foi 2 vezes. Eu vou para todo o Brasil. Então, quando eu ia para Belo Horizonte era para cobrir eventos, não ia especificamente para falar com ele.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quero que V.Sa. compreenda o trabalho que estamos fazendo, não é absolutamente nada pessoal, acho-o até muito cordato, muito educado, e torço para que tudo ocorra da melhor forma possível para V.Sa. Entretanto, eu sou obrigado a fazer a pergunta: V.Sa., em algum tempo já respondeu a algum processo criminal?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Nunca respondeu a processo criminal?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu, criminal, não, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Nós temos, está juntado nos autos, às fls. 24, uma folha de antecedentes criminais, que firma que V.Sa. respondeu a uma ação penal pelo art. 299 do Código Penal.



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O senhor sabe o que significa esse artigo? Por gentileza.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Falsidade ideológica.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - *O.k.* Eu fazia parte da Secretaria de Administrações Regionais em Bauru. Trabalhei como assessor do ex-Prefeito de Bauru Antônio Izzo Filho, e o mesmo sofrera um processo. Na época, eu fazia o papel ali de Chefe de Gabinete, e por poder, por força de ser Chefe de Gabinete e disparar um processo de compra de um pedido do Prefeito, eu também fui arrolado como membro desse grupo, para poder esclarecer se havia ou não sido feito esse trabalho com o Prefeito. E eu fui absolvido nesse processo, porque foi encontrada inocência nossa, o produto foi feito, tudo tinha sido feito. Era um processo político, que acabou virando criminal, cível, e nós fomos absolvidos. Eu tenho cópia de que fui absolvido disso daí.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - No dia em que V.Sa. foi até a delegacia, encontrou-se pessoalmente com o Sr. Odair?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Na delegacia?

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Na delegacia.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Sim.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Esteve com ele? Fez contato pessoal com ele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu disse: eu fui colocado na mesma sala com ele por alguns minutos.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - V.Sa. o viu se locomovendo na sala, andando, manifestando-se de alguma forma?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - A primeira vez, ele chegou algemado e sentou frente a frente comigo. Na hora da acareação, ele já estava sem algemas, estava normal, tranquilo, conversando bem...

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Reclamava de alguma coisa?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Na primeira vez, ele apontava o joelho, chorava e tal, parecia que alguma coisa tinha acontecido, mas não disse... não expressou o que havia acontecido com ele.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Estava mancando? Percebeu ele mancando, quando andava?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Um pouco. Ele andava com um pouquinho de dificuldade. Mas assim... Eu não sei se era porque ele estava com algema ou não. Mas foi assim: pego pelo pessoal, levado. E o que me estranhou foi que, ao mesmo tempo em que ele aparece algemado ali, depois ele já vem solto, conversa na boa e tal.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quando o senhor olha para o joelho... Ele aponta para o joelho. O senhor olha para o joelho dele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, ele estava com a mão em cima... as 2 mãos em cima do joelho.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Viu sangue no joelho, na calça ou alguma coisa parecida?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não reparei.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Depois, quando ele está sem algemas, ele continua andando com algum tipo de dificuldade?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Um pouquinho, sim.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Em que perna? Ambas as pernas?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, eu não lembro agora. Acredito... Não lembro, realmente. Se eu disser alguma coisa, não estarei falando corretamente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O senhor tem conhecimento de um segundo depoimento do Sr. Odair perante a Polícia Federal, que ele prestou, por mais estranhável que seja, espontaneamente?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu fui informado de que ele fez um depoimento. Fui informado sobre isso. Não tive acesso ao depoimento.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O senhor conhece o teor desse segundo depoimento dele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não. Não tive acesso. Não sei.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sabe dizer se ele teria dito que teria sido o próprio Deputado Carlos Willian que teria tramado tudo isso para prejudicar o Deputado Mário de Oliveira?





**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não tive acesso ao depoimento dele, senhor. Não posso falar nada.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Mas mesmo assim, sendo isso que está constando no segundo depoimento dele, como o senhor poderia explicar a este Conselho que, uma vez que ele tivesse urdido com o Deputado Carlos Willian para prejudicar o Deputado Mário de Oliveira, o Deputado Carlos Willian escolheria exatamente as 2 pessoas mais íntimas, próximas, as mais secretas do Deputado Mário de Oliveira? O senhor pode esclarecer isso para o Conselho?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O senhor está dizendo “íntimas” e “secretas”. Quem? Não entendi.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, o senhor e o próprio Odair.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Então, o senhor refaça a sua colocação. Primeiro, eu não sou íntimo do Deputado Mário de Oliveira e não sou secreto. Existo, estou aqui. Eu acho que o senhor está colocando de forma equivocada. Eu disse para o senhor que eu tenho uma convivência familiar com o Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Isso não é intimidade?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não sei qual que é a sua colocação. Prefiro colocar como familiar.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Não, o senhor parece que está assustado...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Nem um pouco, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - ...querendo tergiversar sobre o que eu estou colocando. Eu fiz uma pergunta óbvia.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Está certo. Eu estou respondendo para o senhor. Eu estou respondendo.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Pois não.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Estou dizendo que o Deputado Mário de Oliveira não confidenciou a mim se há ou não interesse do Deputado Carlos Willian de fazer alguma trama contra ele. Está sendo falado pelo Odair. Quando o Odair aqui estiver, o senhor pergunte a ele. Eu não sei a esse respeito.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - A pergunta que eu faço ao senhor é se, diante desses fatos que eu estou narrando para V.Sa., não é estranhável o Deputado Carlos Willian exatamente urdir essa trama para prejudicar o chefe da Igreja Quadrangular no Brasil, exatamente com as 2 pessoas mais próximas dele, que seriam o Sr. Odair e V.Sa.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não é estranhável. Se quiser agir, esta pode ser, talvez, a melhor forma: pegar 2 pessoas próximas e criar toda essa situação.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim. Então, eu pergunto ainda, em relação ao Sr. Odair, ainda que... conquanto o senhor, na acareação, se exime de qualquer parcela de culpa, como, então, o Deputado Carlos Willian... Seria uma estultice, uma burrice dele, um ato teratológico dele exatamente ir a uma pessoa que estava sendo beneficiada pelo Deputado Mário de Oliveira, recebendo salário, participando de viagens, participando da intimidade com ele, dormindo no mesmo hotel com ele, viajando com ele. O senhor acha que isso é crível de crer, de crer? Estou sendo redundante de propósito. V.Sa. domina bem as palavras. É crível que ele fosse exatamente nessa pessoa para fazer com que ele se voltasse para com aquele que estava fazendo o bem para ele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu acho totalmente possível e viável que isso aconteça, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Inclusive em relação a V.Sa.?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu acho isso totalmente viável. Eu acho que, se alguém quer tramar contra alguém, pode usar alguém bem de perto.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O único processo que V.Sa. respondeu na justiça, então, foi esse da falsidade ideológica?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Sim, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - V.Sa. disse que o Odair trabalha na igreja há, mais ou menos, 12 anos?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não disse que trabalha, disse que freqüenta a igreja.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Freqüenta a igreja, é membro da igreja?



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Isso. Sim, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Há 12 anos. Há quanto tempo ele está içado à condição de ter a intimidade de viajar com o Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Ele fez algumas viagens durante o período em que ele estava trabalhando conosco, que ele gozava de confiança.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Desde quando?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu creio que há uns 2 anos.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Onde se encontra o Sr. Odair neste momento?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Existe uma expressão que a gente costuma falar em Bauru: que está em Lins — lugar incerto e não sabido. Porque eu ouvi aqui que ninguém sabe dele, nem a polícia... Ninguém sabe. Eu não sei. Como é que eu vou saber?

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Perfeitamente.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não tenho amizade com o Odair, senhor. Depois desse período, ele sumiu. Ele saiu de cena. Então, como é que eu vou saber?

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Ele está ainda ligado à igreja, à membresia da igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu acredito que não, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Não, eu quero saber de V.Sa. se ele ainda continua ligado à igreja ou não, depois desses fatos.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Senhor, eu não tenho essa convivência com o Odair, a ponto de saber tudo acerca da vida dele. Eu não tenho.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Seria natural ele ser afastado da membresia da igreja depois dos atos tomados por ele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Com certeza absoluta. Ele não só seria afastado, como foi afastado. E ele, por si só, sumiu. Ele desapareceu.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, mas eu acabei de indagar a V.Sa. isto: se ele foi afastado da igreja. Então, V.Sa. confirma que ele foi afastado da igreja?



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Foi afastado da igreja.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Ele não percebe mais salário da igreja?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não. Eu creio que isso daí já está definido. Isso daí foi...

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - V.Sa., alguma vez, freqüentou a entidade dele?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Olha, eu estive uma vez... Logo no começo, quando ele estava conosco, estive numa chácara onde havia, então, ali, pessoas recuperandas.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Que tipo de pessoas eram?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Normalmente, ex-drogados, viciados em álcool. Pessoas assim, desse naipe.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Ex-trafficantes? Ex-homicidas?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Senhor, os "ex" aí são complicados. Eu não tive a ficha de cada um.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O senhor falou ex-drogados, ex-viciados.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É. Eram os 2 pontos de que se tratava lá na clínica, sobre drogas e sobre álcool. Agora, se eram traficantes, isso eu não sei dizer para o senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quanto tempo depois o Deputado Mário de Oliveira foi à Corregedoria para denunciar o que havia acontecido na polícia de Osasco?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Olha, quem pode informar é o advogado dele, senhor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Satisfeito, Excelência.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, pela ordem. Gostaria de requerer a V.Exa., se me conceder...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Um momento só.

A nobre Relatora Solange Amaral precisou se afastar. Nomeamos, então, o Deputado Dagoberto como Relator *ad hoc*.



Pois não, Dr. Itapuã.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, eu gostaria de requerer a V.Exa. que, nos próximos depoimentos, quando o advogado do representante fosse fazer as suas perguntas, mantivesse o critério estabelecido pela Mesa, de perguntas ao Presidente. Eu percebi que não houve uma concessão. Foi acontecendo... E, como é uma testemunha de defesa, eu fui... deixa para lá, porque senão parece que a gente está querendo atrapalhar. Mas, nas próximas, eu gostaria de requerer a V.Exa...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Já está resolvido isso.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - O primeiro inscrito é o nobre Deputado Dagoberto.

Com a palavra, Deputado.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Celso, você não sabia dessas desavenças existidas entre o Mário de Oliveira e o Carlos Willian?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - As desavenças, não, senhor. V.Exa. me permita dizer que, num período em que o Deputado Carlos Willian tinha um contato na igreja, em São Paulo, como advogado, lá nós tínhamos um pouco mais de comunhão. Estávamos mais juntos. Quando ele saiu desse trabalho jurídico, e aí ele se deteve mais em Minas Gerais, então, também nós tivemos um distanciamento de contato, não é? Eu acompanhei o Deputado Carlos Willian até no último evento em que ele estava ligado à igreja, que foi o evento do Sermão da Montanha, onde teve lá um problema muito sério. E até ali... A partir daquele momento, quando realmente houve a disciplina a ele, em função do fato ocorrido, e aí houve, então, o afastamento dele, a partir daí nós também não tivemos mais contato.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor falou aí, e ficou... Eu não entendi direito. O senhor assustou muito com essa questão da intimidade. Nós podemos ter intimidade por amizade, intimidade por negócios e até intimidade amorosa. Por que, quando o advogado comparou essa intimidade, o senhor disse que não é a mesma intimidade? Eu não entendi. Por que tem uma diferença de intimidade aí entre o Odair e o senhor com o Mário de Oliveira?



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, eu disse que o meu relacionamento com o Deputado Mário de Oliveira é um relacionamento familiar. Eu coloquei isso por quê? Porque não é apenas um mero colega, um mero companheiro. É um relacionamento mais...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O que o senhor entende por intimidade?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Intimidade, o senhor acabou de dizer, tem as ações das mais diversas nos negócios, na amizade, no trato, enfim...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O Sr. Mário de Oliveira tinha alguma intimidade com o Odair?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, tinha um relacionamento de pessoas da mesma igreja, de confiança até, porque o Deputado Mário confiava no Pastor Odair como pessoa. Confiava. Agora, intimidade, eu não sei se seria esse o termo, porque, se ele disse que tinha, eu não sei afirmar. Eu acredito que não era isso, não.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Por que o senhor acha... O que o senhor entendeu, quando os policiais queriam que o senhor ligasse para o Deputado? Qual o objetivo que o senhor entendeu que esses policiais queriam atingir naquele momento?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - A impressão que eu tive... E a fala que me foi passada por um deles era assim: *“Se você ligar agora, o Deputado fala com a gente aqui, a gente tem como parar isso aqui”*. *“Parar o quê?”* *“Parar o que a gente sabe”*. E eu disse: *“Olha, se o senhor tem alguma coisa, o senhor vai e diz, porque eu não vou ligar. Eu não sei, eu não tenho participação em absolutamente nada. Então, eu não vou ligar”*.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas o que eles queriam que o senhor falasse?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, eles queriam que eu ligasse para o Deputado Mário e dissesse: olha, aqui na delegacia está tendo uma acusação e... fale com alguém aqui. Então, eles queriam falar com o Deputado.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Ah, eles é que queriam falar com o Deputado?



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eles queriam falar com o Deputado. Era para ligar lá para eles conversarem.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - E por que o senhor entendeu que eles não deveriam falar com o Deputado?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não entendi que deveria... Eu entendi que, naquele momento, a conversa do Deputado com um policial, numa delegacia, não tinha procedência, não tinha por quê. Se eles tinham lá alguma coisa, como estavam dizendo, que havia toda uma firmeza, toda uma verdade de afirmações, então que eles transitassem pelos meios e caminhos corretos. Eu preferi que... Eu arrisquei. Porque eles falaram: *“Se você não quiser fazer isso, nós vamos mandar para o Jornal Nacional. Amanhã vai estar na imprensa”*. Falei: *“Façam o que vocês acharem interessante. Se isso daí é verdade, a verdade terá que ser esclarecida”*. Essa foi a minha interpretação de não aceitar, naquele momento...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Entendi. Quer dizer que, no fundo, eles queriam que você ligasse para o Deputado e dissesse que eles sabiam de tudo, que já tinham levantado tudo. Era isso? Para poder incriminar o Deputado?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É, que tinham uma denúncia contra o Deputado, para o Deputado conversar com eles. Foi assim.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Outra pergunta: nessa participação, quais foram os policiais que estiveram mais presentes ali, junto com vocês?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Foram 4 policiais: 3 homens e 1 mulher.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Todo tempo os 4?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não. Normalmente um mais velho, que eu ainda consegui identificar como sendo Júnior, esse daí, um outro novo... Aí, depois saíam os 2, entrava uma mulher; saía a mulher, entravam os 2.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quem era mais contundente, assim, para poder comprovar o crime?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Esse Júnior e essa mulher. Os 2 é que mais...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Trabalhavam com isso?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Isso.



**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O delegado, em algum momento, participou disso tudo?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Em nenhum momento?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Em nenhum momento. Só na hora em que eu fui falar, fazer a minha declaração, ele ficou do lado. A escritã perguntava. Tanto é que era uma mulher que perguntou. Depois apareceu um homem assinando. E ficou ali olhando, conversando, como se tivesse... de longe.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O delegado não lhe fez uma pergunta?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, ele só perguntou onde eu trabalhava. Disse que trabalhava. Disse até que, naquela época, também fazia assessoramento. Falei ali, só isso. Só isto que ele perguntou: *“Onde você trabalha?”*

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quer dizer que todas as perguntas, na delegacia, foram feitas pelos agentes?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Pelos agentes, lá, pelos policiais. E o depoimento... a forma como o delegado...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quer dizer que o senhor foi ouvido pelos agentes, não pelo delegado?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É. O delegado estava presente, mas ali ouvindo as perguntas e indagações dos agentes. E nesse momento o Odair estava em algum lugar... Hora ou outra vinha um e dizia: *“Olha, ele está falando que você viajou com ele — a última parte do meu depoimento —, que você viajou com ele para Minas”*. Eu falei: *“É verdade, eu viajei com ele para Minas”*. *“Vocês saíram de Bauru?”* *“Saímos de Bauru”*. Então, vinha de lá, trazia... E era entre eles a conversa. Sempre entre eles.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Muito bem. Satisfeito.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra o Deputado Professor Ruy Pauletti.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Sr. Presidente... Sr. Celso, quero cumprimentá-lo pela calma com que o senhor responde as questões.

Eu tenho respeito por aqueles que fazem vida política. E me parece que o senhor fez vida política também. É verdade?





**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Exato.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - A que partido o senhor pertencia?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu já estive no PP.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - No PP.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É, quando na política.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - E agora?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não estou, senhor. Eu ainda estou afiliado, porque o PP foi se transformando e eu não me desfiliei nunca. Então, continuo no mesmo.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Eu tenho, também, respeito pelas igrejas evangélicas. Conheço-as muito. Fui colega de Deputados da igreja, e da Igreja Quadrangular também.

Eu, quando jovem, tinha o desejo de ser detetive; e mais tarde, o desejo de ser advogado criminal, promotor. Mas acho que Deus escreveu as coisas de maneira certa. Eu estou tão confuso que teria sido um péssimo detetive e um mau promotor. Essa história está me deixando cada vez mais confuso.

O senhor disse que conhece o Deputado Willian, porque ele era advogado e começou a trabalhar, mas não tinha muito contato com ele nem era amigo dele. Em compensação, era muito amigo do Mário, do Deputado Mário. Não só como chefe da igreja, mas também amigo de família. E que ele realmente transformou a igreja, deu uma estrutura e era um bom administrador. E que, para o senhor, ele era uma referência de vida, de postura ética e de postura moral. E disse também que conhecia o Odair, porque ele foi trabalhar como auxiliar de pastor e depois foi trabalhar na igreja, contratado, e cumpria um trabalho social, e que era um dos programas da igreja. Aliás, as igrejas evangélicas trabalham muito com programas sociais, o que é admirável. Se todo mundo fizesse isso, seria muito importante. Mas o que me chama a atenção é que o senhor usou, acho que 10 vezes — não anotei —, a palavra “*trama*”. Disse que foi feita uma trama. Por que insiste em dizer que houve trama?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu digo para o senhor: porque, uma vez que eu tenho certeza absoluta, estou convicto de que eu não participei, não



disse absolutamente nada para o Odair e nem recebi do Deputado Mário de Oliveira nenhuma informação ou um pedido a esse respeito, e surgiu essa notícia dessa forma. A forma como as coisas foram acontecendo... Eu não tenho outra palavra a não ser “trama”, porque alguém tramou. Foi feita alguma coisa... Inicialmente, nós pensamos que seria para destruir a imagem do nosso presidente, porque, destruindo a imagem do presidente, afeta a igreja, afeta toda a estrutura administrativa da igreja. E a gente sabe como é difícil, hoje, a imagem de um cristão, de um pastor. Tivemos aí vários noticiários de outras denominações, de outros líderes. E a igreja sofre, quando uma imagem dessa é arranhada. Assim como a Igreja Católica sofreu muito tempo, quando os padres eram acusados de pedofilia, a Igreja Cristã também sofre quando um dos seus líderes é acusado de qualquer situação. E o nosso líder, inicialmente, estava sendo acusado de uma trama contra a vida de alguém, de tramar, de planejar contra a vida de alguém. Nós sabíamos, nossa igreja sabe, nossos líderes sabem e conhecem Mário de Oliveira. Então, nós temos a certeza plena e absoluta de que ele jamais faria isso. Não partiu dele isso. Mas, como já foi falado que houve uma mudança, uma inversão de pronunciamento... E, pelo que eu entendo, quem estava sendo acusado passa a ser o acusador agora. Então, isso, para mim, cheira a trama. É alguma coisa que está no ar aí, que tem de ser realmente descoberta.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - O motivo, o senhor disse. O motivo da trama seria para incriminar o Deputado Mário e desgastar a igreja.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Exatamente. Eu creio nisso. Creio que havia um projeto nisso...

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Então, o senhor sabe quem estava tramando?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Se eu soubesse, eu contaria aqui para o senhor e para a Polícia Federal e para todos os lugares.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Não. Mas, com a sinceridade de quem está depondo, se o senhor sabe o motivo e sabe que foi uma trama, se não tem certeza, pelo menos imagina quem está fazendo isso.



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, eu imagino que seja uma trama. De onde vem, eu não sei. Se eu soubesse, eu diria, contaria, espalharia, colocaria na imprensa. Eu iria para o *Jornal Nacional* e contaria: olha, a trama está vindo de tal lugar. Faria isso, porque, para nós, é um grande sofrimento que estamos vivendo hoje, seja familiar, seja na igreja.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - O desgaste, inclusive, para a igreja e para os membros da igreja.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É muito grande. O preço que nós estamos pagando é muito alto, é muito caro.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Mas quem tramou?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Gostaria de saber, junto com o senhor, essa resposta e de divulgar para o mundo todo quem tramou.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Vamos desconfiar aqui, nós 2, de alguém?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O senhor é uma autoridade aqui dentro. O senhor pode desconfiar. Eu não.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Pois é. Por isso é que me chama muito a atenção. Que conclusão... Eu tenho uma outra coisa que me intriga. Eu disse, nos primeiros depoimentos que houve aqui, que eu ainda não estou convencido da existência desse Alemão. Para mim, o Alemão pode ser branco, loiro, preto, moreno, baixinho, alto. Ninguém me disse como ele é, a não ser o Júnior, que confirmou que ele existe. Mas, fora isso, para mim é uma figura de ficção. E, se ele existe, é um matador pé-de-chinelo. Uma porcaria de matador que foram encontrar, não é? Então, não existe. E outra coisa que me chama a atenção são exatamente os motivos. O Carlos Willian é um homem de sucesso: Deputado, advogado, um homem bem postado social e economicamente. O Mário tem um vida política de 6 eleições. Portanto, é um homem prestigiado pela sua comunidade, pela sua igreja. Eram muito amigos. Disse o advogado que eles não eram sócios. Mas parece que, se não são mais, foram sócios. E, de uma hora para outra, viram inimigos. E não sabemos o motivo. Porque duvido que alguém aqui dentro saiba o exato motivo dessa trama. O senhor não desconfia de nenhum motivo do rompimento da amizade entre os 2?



**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não, senhor. Eu não tenho idéia. Mesmo porque a minha convivência é mais em São Paulo. Eu não convivi com os 2 em Minas Gerais. O que eu sei...

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Mas a mãe do Mário nunca disse assim: estão tramando contra o meu filho; estão fazendo isso e isso? Porque o filho conta para a mãe.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Conta para a mãe.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - E o senhor conhece a mãe. O senhor nunca ouviu a mãe dele dizer?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É verdade. É uma senhora de quase 80 anos. E certamente ela não teria essas informações. Com certeza, ela não teria essas informações, até em respeito à idade dela. Uma senhora já de cabelos brancos, de uma vida longa, de uma idoneidade ilibada. Então, eu creio que, ainda que alguém soubesse, não contaria isso para ela. A mãe não suportaria. Mas, na realidade, eu queria dizer para o senhor que, se existe, se é isso que nos leva a pensar... O senhor comentou acerca da presença desse Alemão. Na realidade, eu estou com o senhor. Eu não sei se ele existe, se ele tem cor, se ele... Também nós não sabemos disso. E o senhor disse bem: o único que o viu até agora foi o Júnior. Ele que declarou que viu o Alemão. Viu, mas não pegou. Ele não conhecia o Odair, mas pegou o Odair. Mas ele conhecia ou tinha informação do Alemão, mas não pegou o Alemão.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Eu vou procurar ser rápido, porque sei que têm outros Deputados que querem perguntar. A que conclusão o senhor chegou, com a acareação que foi feita?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Entre eu e o Odair?

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Com a participação dos detetives da polícia.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O que eu vi ali, senhor, era o seguinte: o Odair estava supernervoso, agitado, falou... No depoimento dele, ele disse que deu dinheiro para uma pessoa. Na hora da acareação, colocaram o meu nome lá. No depoimento dele está um nome. Na hora da acareação, aparece o meu nome ali, na hora. E foi citado isso. Eu disse, naquele momento, aos que estavam



presentes: *“Olha, eu não participei disso. Eu nego veementemente a minha presença nesta situação. Não tem nada a ver comigo”*. Foi o que eu pude fazer, porque estava ali, naquele momento, usando a verdade, falando a verdade.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - O depoente disse que os policiais insistiram, antes de começar a acareação, em que o senhor tinha que contar, tinha que contar, tinha que contar. O senhor sabia o que tinha que contar?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Não. Na ida, até chegar na delegacia, eles pouco falaram comigo. Quando estava quase chegando, eles começaram... Eles fizeram até um tipo de deboche, dizendo assim: *“Você e a sua igreja acreditam em ressurreição?”* Eu disse: *“Nós acreditamos. Pela Bíblia, nós cremos na ressurreição”*. E um deles disse assim: *“Ah, então, quando alguém passa no caminho de vocês, vocês mandam para o outro e depois... Mandam para lá, porque ficam tranquilos, porque ele vai voltar.”* Eu disse a esse policial: *“Olha, o senhor está debochando da minha crença. Se o senhor vai falar alguma coisa, fale sério”*. Foi a primeira falinha deles lá. E depois lá é que ele começou a dizer: *“Olha, tem aí material gravado, tem gravado. Você tem que contar”*. Mas não falava. Só quando ele disse o que era que eu pude, então, responder que nada sabia.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - E quando o policial disse que *“podemos abortar”*, o senhor entendeu o quê?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Entendi que, se houvesse um contato com eles, segundo eles, o processo ficaria detido ali na delegacia. Ou seja, quem sabe se extinguiria por ali mesmo?

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Mas, pelo conhecimento que o senhor tem, isso não é usual. Detetive não pode parar um processo.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Exatamente. Por isso eu não voltei a falar com eles, por orientação do meu advogado. Ele falou: *“Não vai não, porque isso não está correto”*.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - O senhor entendeu como chantagem isso?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Olha, o meu entendimento, naquele momento... Havia quatro horas e meia já de conversa ali dentro. Eu entendi que havia alguma coisa que estava sendo falada para eu poder ou chamar o



Deputado a um contato com eles, e nesse contato com eles, quem sabe, haver ali uma negociação... Mas, afirmar categoricamente que era isso, eu não posso. Só posso dizer o seguinte... Ele disse isto: *“Nós podemos abortar aqui esta situação”*. Só isso que ele falou.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - E o comportamento da detetive? Detetive mulher? Deu a entender que ela foi muito agressiva e faltou com a norma, com a praxe do inquérito.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É, eu cheguei a dizer a ela... Eu falei: *“A senhora não está conversando com um bandido. A senhora está conversando com um pastor. Está sendo falado aqui alguma coisa, mas a senhora não tem certeza disso. Se a senhora tiver certeza disso, então a senhora pode me tratar como um bandido. Mas, enquanto a senhora não tem certeza, eu gostaria de ter da senhora o respeito”*. Porque ela citou inúmeros palavrões, falando que todo pastor é pastor — vou usar o termo usado lá —, “pastor de merda”. Eu falei: *“Eu não me considero assim. Eu tenho uma história de vida. Eu tenho uma história de vida, de sucesso dentro da igreja, de trabalho. Eu comecei uma igreja com 5 pessoas e fiz um grande trabalho na minha cidade. Então eu não sou um “pastor de merda”*.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Por que o senhor não denunciou esse comportamento da polícia?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu entendo que, para mim, aquela pessoa...

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Era seu dever.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Hã?

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Era seu dever denunciar.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Poderia fazê-lo, mas eu preferi não fazê-lo. Foi uma opção minha não denunciar.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Bom, eu tenho mais uma pergunta e depois... Mais 2 perguntas. Quando o senhor se afastou do depoimento, o senhor assinou a certidão? O senhor leu o seu depoimento?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - É, eu peguei o meu depoimento... Eu estava realmente tenso lá, naquele momento, porque a gente fica. Eu nunca



passei por isso. Eu nunca estive numa delegacia. Então, eu assinei meu depoimento. Eu li assim, rapidamente, não vi com todos os detalhes, mas eu assinei.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Agora eu tenho... Desculpe-me desde já, mas vou dizer que não acreditei numas respostas que o senhor deu a um dos inquiridores. Tenho esse direito de não acreditar.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Claro.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Vou lhe dizer que achei estranho. Ora, Deputado, presidente da sua igreja, seu amigo, amigo de família está sendo acusado de mandante de um crime, e o senhor não telefona para ele? Tenha paciência! O senhor pode contar para outro, mas eu acho que era seu dever.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu o fiz, através do advogado.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Não. O senhor vai me desculpar, mas era seu dever comunicar para o amigo. Se eu sei que um amigo meu está sendo acusado de mandante de um crime, a primeira coisa que eu faço é ir comunicar a ele.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Sim. Então, o que eu fiz? Naquele momento, quando eu saí da delegacia, por volta das 11 da noite, mais ou menos — 10 e 40 eu falei com ele, com meu advogado, e 11 horas nós nos encontramos —, foi quando eu disse a ele: olha, aconteceu tudo isso. O que nós temos de fazer? Naquele momento — eu não lembro agora, mas creio que até naquele momento —, o meu advogado já, imediatamente, falou com ele: olha, aconteceu isso assim, assado. Só que, por estar tarde, nós optamos em que o meu advogado fosse imediatamente encontrar-se com o nosso Deputado. E foi o que aconteceu. Logo pela manhã ele já foi ao encontro, porque acho que era um dia que ele estaria em Brasília, se não me falha a memória. Então, veio para fazer o comunicado ato contínuo.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Estou mais confuso do que quando comecei. Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Com a palavra a Deputada Maria Lúcia Cardoso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Sr. Presidente, senhor depoente Celso Braz do Nascimento, eu só tenho um questionamento a fazer ao



senhor. O senhor disse, a certa altura, que alguns recursos foram liberados pela Igreja Quadrangular — não é isso? —, para a ONG que o pastor ou o auxiliar de pastor Odair dirigia. O senhor tem conhecimento...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu não disse isso, senhora.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Disse, sim, senhor. As notas...

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Que eram liberados?

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - É, que alguns recursos liberados pela igreja, para a ONG... Isso deve ter nas notas taquigráficas, se o senhor tiver qualquer dúvida.

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Ah, em outro depoimento?

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Não, agora. Estou no meu primeiro momento com o senhor. Esses recursos eram liberados, portanto, pela igreja para essa ONG que o pastor Odair dirigia. Essa ONG que o senhor, ainda há pouco, falava que trabalhava na recuperação de drogados, enfim, de alcoólatras etc. O senhor tem conhecimento de algum cidadão recuperado ali naquela ONG?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - Eu tenho algumas poucas informações, porque não é ONG, é um centro de recuperação de pessoas envolvidas com drogas e álcool. Mas a gente tem algumas informações. Eu até trouxe alguns depoimentos de pessoas que passaram por lá, que tiveram realmente uma transformação e receberam esse tratamento espiritual para se livrarem das drogas e do álcool.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Esse tratamento espiritual tinha um grupo multidisciplinar que cuidava desses doentes ou era o auxiliar de pastor Odair quem fazia?

**O SR. CELSO BRAZ DO NASCIMENTO** - O Odair tinha um grupo de trabalho junto com ele naquele período. Tinha enfermeira, tinha psicólogos, tinha pessoas... Normalmente, a maioria delas eram pessoas voluntárias a esse tipo de trabalho.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Muito obrigada.





**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Não havendo mais inscrições, gostaríamos de agradecer a presença da testemunha e passamos agora a convidar a terceira testemunha, o Sr. Marco Regis de Moraes. *(Pausa.)*

Recebemos aqui da testemunha a cópia do processo em que ele foi acusado. O processo é de queixa-crime. *(Pausa.)*

Agradecemos a presença do Sr. Marco Regis de Moraes. O senhor assinará um termo de compromisso:

*Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 5 de 2007 (Representação nº 12/07), instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.*

*Sala das reuniões, 25 de setembro de 2007.*

Passo a palavra ao Relator *ad hoc*, Deputado Dagoberto.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Uma questão de ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Para uma questão de ordem, Deputado Professor Ruy Pauletti.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Eu gostaria que fosse informado se já começou a Ordem do Dia e se vamos ter votações lá.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - A informação é de que não começou ainda o processo de votação. A Ordem do Dia começou, mas não o processo de votação.

Com a palavra o Deputado Dagoberto.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Marco, eu queria que você levasse ao conhecimento dos Deputados como você foi envolvido nessa história toda.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu tomei consciência através da imprensa.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Do que você tomou conhecimento? Como foi a sua participação nisso tudo?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Que a gente foi denunciado pela imprensa.



**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Fala mais próximo do microfone.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - A gente foi denunciado pela imprensa que a gente fazia parte de um esquema deste que está sendo ocorrido aqui hoje.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas qual foi a denúncia imputada ao senhor? O que falavam em relação ao senhor? O que o senhor sabe?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu sei só que eu, praticamente, carregava o Odair dentro de Belo Horizonte e que eu também levei para ele uma certa importância em dinheiro. Só isso que eu fiquei sabendo.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - E de documentos?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Documentos, não. Fiquei depois sabendo, mais para frente, através do jornal.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Qual que é o montante dessa importância?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu não sei. Não lembro.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor não lembra de quanto que te acusaram de ter levado?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Me acusaram de 15 mil reais.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Então, é isso que eu saber. De o senhor ter levado 15 mil reais?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - É.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Ao Odair?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Ao Odair.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor conhece o Odair?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Conheço o Odair.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor conviveu muito tempo com ele?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não. Não convivi com ele não.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Esteve com ele nesses dias?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não. Estive não.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Onde o senhor estava no momento?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - No momento, eu estava numa convenção. Aí eu conheci o Odair na convenção da igreja. Aí eu conheci ele.



**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - No momento em que o senhor é acusado de que teria repassado esse recurso, o senhor estava na mesma cidade que ele estava ou não?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não. Eu estou morando em Belo Horizonte. Ele está em São Paulo. Não sei como isso se sucedeu.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O Odair, na delegacia, depois retomou todas as acusações que ele fez. Como o senhor vê esse Odair? O que o senhor entende? Por que ele fez isso? Qual seria o objetivo disso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu não sei explicar, porque a gente não tem convivência com ele nenhuma, não é? Eu não sei explicar qual é a reação dele nessa situação. Eu não tenho nada a dizer.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor não tem nenhuma convivência com ele?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não tenho. Não conheço o Odair. Pessoalmente, não conheço.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor não conhece ele pessoalmente?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O senhor nunca esteve com ele?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Nunca estive com ele.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Devolvo ao Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Com a palavra o Dr. Itapuã Messias.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, indago a V.Exa. No depoimento do Odair da Silva — vou fazer por partes — diz assim: que ele, Odair, comunicou o Celso — que saiu daqui agora há pouco —, que, por sua vez, disse que ele, Odair, deveria ir até a cidade de Belo Horizonte para conversar com um tal Marquinhos, funcionário do Deputado Federal Mário de Oliveira. O Sr. Marco Regis de Moraes é funcionário do Deputado Mário de Oliveira, Sr. Presidente?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Sim.



**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Tem algum outro Marco que seja funcionário do Deputado Mário de Oliveira, que seja do conhecimento dele, Sr. Presidente?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não sei. Não tenho conhecimento.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - O Celso Braz do Nascimento, que agora há pouco aqui esteve, alguma vez ligou, telefonou, mandou um telegrama ou de alguma maneira pediu ao Sr. Marco Regis de Moraes que atendesse ao Sr. Odair da Silva?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não. Nunca atendi um telefonema nem um telegrama. Nunca houve isso.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, continuando o depoimento do Odair da Silva: *No mês de novembro, o declarante locomoveu-se até a cidade de Belo Horizonte, de avião, onde se encontrava com o tal Marco.* No mês de novembro — peço que ele faça um exercício de memória — do ano passado ou qualquer novembro já vivido, ele esteve em Belo Horizonte com o Sr. Odair da Silva?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu nunca estive com o Sr. Odair da Silva e nunca tive nenhum contato com ele, principalmente nesse setor. Eu não tinha nenhuma intimidade com ele.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Existe alguma praça em Belo Horizonte no final da Avenida... Existe Avenida Amazonas em Belo Horizonte?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Existe Avenida Amazonas.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - No final da Avenida Amazonas existe alguma praça?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Existe... No começo da Avenida Amazonas, praticamente, existe uma praça que todo mundo conhece, que é a Praça Raul Soares.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Como é o nome da praça?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Raul Soares.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, o Celso, por acaso, pediu a ele, ao Deputado Mário, a alguma pessoa do gabinete dele, aqui, em Brasília, a algum funcionário do escritório em Belo Horizonte, em São Paulo ou em



qualquer lugar do Brasil, pediu a ele, Marco Regis de Moraes, que se encontrasse ao menos com uma pessoa desconhecida na cidade de Belo Horizonte, no mês de novembro, nessa praça no final da Avenida Amazonas? Com um desconhecido, pelo menos, que ele não sabe identificar quem seja?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Nunca houve isso. Nunca encontrei com ninguém e também não freqüento esse tipo de lugar, devido ao nosso trabalho.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - E por telefone, Sr. Presidente? Porque aqui o Odair da Silva diz que o *Alemão procurou o declarante reclamando que não encontrava com a suposta vítima, que já estava cansado de procurar. Então, de comum acordo, resolveram abortar o plano naquele momento. Ah, não! Diz o declarante, Odair, que no final de dezembro próximo passado, quando estava em BH, efetuou uma ligação para Marquinhos. Pelo menos por telefone, ele chegou a falar com o Odair alguma vez, Sr. Presidente?*

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Nunca eu falei com o Odair por telefone.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, *tal pessoa — ele — então disse para o declarante ir até uma localidade situada na rodovia 040, distante cerca de 50 quilômetros do centro de Belo Horizonte. Existe alguma coisa, algum local, alguma instituição nessa BR-040, distante 50 quilômetros de Belo Horizonte, que tenha alguma ligação com o Deputado Mário, até para conhecimento nosso?*

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não, não existe. Nunca aconteceu isso.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Mas existe essa... O Deputado Mário ou a Igreja do Evangelho Quadrangular tem alguma instituição na BR-040?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não, não. Tem não.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - *Quando chegou em tal local, o declarante viu que era uma fazenda, onde encontrou o tal Marquinhos e recebeu a importância de 15 mil reais. Bom, isso eu nem vou perguntar mais, porque ele já disse que nunca... Quer esclarecer que, segundo o Marquinhos, a vítima, Carlos Willian, andou com o Deputado Mário por cerca de 20 anos... Não vou nem perguntar, porque ele já falou que nunca teve contato nem por telefone. Sr. Presidente, eu explorei aqui todo o depoimento do Odair da Silva no que diz respeito*



ao Marquinhos. Espera aí. Tem mais um nome Marquinhos aqui. Ah, está aqui. *Que respondeu que ela é irmã de Marquinhos.* Uma tal de Juliana Aguiar dos Santos é irmã do Sr. Marco?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não. Não é minha irmã.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Então espera aí. Vamos voltar aqui. *Pôde visualizar o declarante que o Carlos Willian sempre estava em companhia de seguranças, acreditando o declarante que isso tenha dificultado bastante o crime. Questionado ao declarante Odair sobre uma tal Juliana Aguiar dos Santos, cujo nome e endereço foi encontrado anotado num papel em seu bolso, do que respondeu que ela é irmã de Marquinhos.* Não é irmã de Marquinhos, Sr. Presidente?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não é minha irmã.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sem mais perguntas, Sr. Presidente. Agradeço a V.Exa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Pergunto ao Dr. Luiz Carlos se gostaria também de questionar a testemunha.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Apraz-me grandemente poder estar sob a égide de V.Exa. na Presidência desta assentada de julgamento e audiência. Sr. Presidente, sim, tenho algumas perguntas. Se ele conheceu o Deputado Carlos Willian.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Sim, conheci ele.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Há quanto tempo?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Há mais ou menos uns 15 a 20 anos, não é, porque ele trabalhou na igreja como advogado da igreja.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Qual era a relação dele com o Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Na minha época, muito bom, muito bom.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Alguma coisa que desabone a conduta de ambos, até o surgimento deste processo?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E o Sr. Odair? Há quanto tempo o conhecia?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Só do mês de novembro para cá, só. Mas nunca tive contato com ele.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Do mês de novembro para cá?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - É.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Por que somente depois de novembro para cá?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Porque foi quando eu conheci ele numa convenção, num seminário. Aí a gente começou a...

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quem o apresentou?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Ele mesmo... Foi apresentado diante de pastores e eu estava presente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Mas quem, especificamente, apresentou o Sr. Odair para V.Sa.?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Ele mesmo se identificou.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Mas como? Como isso ocorreu? Ele se identificou para o senhor? Ele não conhecia o senhor; como ia se identificar para o senhor?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Pois é, mas, devido àquela roda de amigos em que a gente estava, ele mesmo se identificou.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Como é que foi isso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Isso foi numa convenção.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, mas como é que foi essa aproximação dele?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Ah, numa conversa normal da gente, entre pastores, aí ele se manifestou.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu gostaria que as perguntas fossem dirigidas a V.Exa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - O Dr. Itapuã tem razão. As perguntas têm que ser dirigidas ao Presidente, por favor.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Apenas por vício de bico e porque foi o Dr. Itapuã quem começou desta forma. Mas, obviamente, ele está com a razão. E também por economia processual acabei fazendo perguntas diretamente à testemunha.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Mas ele dirigiu ao Presidente. É uma questão de procedimento.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Mas V.Exa. já viu que já estou bem mais calmo agora. Esse aí é mais simples. O outro é muito cara-de-pau. Agora, eu gostaria de saber da testemunha como foi. Ele chegou e disse: “*Olha, eu sou o Odair?*” Enfim... O tempo já é um tempo, assim, que bate com o que está acontecendo no processo. Isso é muito relevante para nós, o PTC. Agora, como se deu essa apresentação espontânea dele para com a pessoa do Sr. Marco?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Nós estávamos conversando sobre igrejas, sobre trabalho, sobre convenção, e aí, naquele momento, ele mesmo se apresentou, e nós, ali, o conhecemos somente por nome, ali. No mais, não houve nenhuma outra coisa.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Depois desse dia, Sr. Presidente, qual foi o próximo contato da testemunha com o Sr. Odair?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Nunca tive contato mais com o Sr. Odair.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Nem por telefone, nem pessoalmente?

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Perdão, por que você então estava... Por que ele tinha uma Carteira de Habilitação sua no bolso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu não sei te explicar por que ele tinha uma carteira.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Como você não sabe explicar por que ele estava com sua Carteira de Habilitação no bolso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Porque dentro do Conselho sempre há, por exemplo, assim, uma verificação da parte jurídica, de pontuação da carteira, porque a gente é motorista, e também o seguro exige que a gente tenha isso em dia





para poder evitar algum sinistro, senão eu não posso nem dirigir o carro que eu trabalho com o Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Eu sinceramente não entendi.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - A carteira foi pedida lá no escritório. Eu não sei como é que esse documento foi parar na mão dele.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Que escritório?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Do Conselho da igreja. Para verificação de pontuação da minha carteira. Porque isso é feito...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - A igreja exige isso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Exige. Todo ano exige isso aí, para verificação.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - A igreja exige que você demonstre que não tem pontos na carteira para você continuar dirigindo?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Para continuar dirigindo, porque a gente é um profissional do trabalho. E é normal eles pedirem isso, como também o seguro exige da gente.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Eu acho estranho, porque, quando atinge o índice, é o DETRAN que notifica você. Aí o DETRAN notificava a igreja. A igreja não precisa averiguar isso.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Pois é, mas é praxe da igreja fazer isso.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - E ela faz isso com todos os motoristas dela?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Todos os motoristas dela é pedido.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Muito estranho isso. É a primeira vez que eu vejo isso na minha vida.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Certo.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Desculpa eu ter interrompido.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quer fazer mais perguntas?

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Não, pode continuar.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Dentro dessa linha do Deputado Dagoberto, eu perguntaria, Sr. Presidente, se alguém, já que ele não lembra que tenha entregado esse documento às mãos do Odair, se alguém o fez.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não sei te dizer.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Mesmo assim, por que razão o Odair, sendo de São Paulo, estaria com a carteira dele para proceder a essa verificação, uma vez que ela é do Estado de Minas Gerais?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Porque o carro é de São Paulo, é do Estado de São Paulo o carro.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Então, a testemunha confirma...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Espera aí. O que tem a ver o carro com a tua Carteira de Habilitação?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Porque o seguro é feito lá em São Paulo, e essa verificação também é feita lá. Se o carro fosse de Minas Gerais seria feito em Minas Gerais.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Porque os pontos vão para a carteira de origem, não para o veículo.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Pois é, mas aí é feita uma verificação devido também a situações às vezes de multa que a gente nunca teve. A gente procura tomar os cuidados...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Para a seguradora, isso, meu irmão — é isso que eu não consigo entender —, tem um sistema nacional. Você entra... eu sei quantos pontos você tem. Por que você tem de entregar isso. Qual é a seguradora que exigiu isso? Porque nunca nenhuma seguradora exige isso, se ela tem isso no sistema. Eu não estou entendendo isso.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - O escritório é que exige isso aí.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Eu estou te falando isso porque, além disso, eu já fui Presidente do DETRAN.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Tudo bem.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Então disso eu entendo, e muito.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Muito bem.



**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quem notifica você, quando está com os pontos, é o DETRAN — não é ninguém que vai averiguar —, quando você atinge o ponto limite. E quem recolhe a tua carteira também é o DETRAN. E a seguradora, quando ela tem interesse, ela tem um sistema disponível para isso, que está ligado ao sistema nacional, e não ao veículo. O veículo não leva ponto. Quem leva ponto é o motorista. Então, a tua explicação não está batendo.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - A minha explicação é de que eu tenho de ceder a cópia da carteira exatamente para verificação de pontos e para mim...

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Me permite um aparte? A bem da verdade, se eu estou dirigindo um carro de outro cidadão, com placa de outro Estado, e eu cometer uma infração e não comunicar ao DETRAN, o ponto vai para a carteira do proprietário do carro.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas a pessoa vai comunicar e não vai ficar com esse prejuízo. E outra, quando tem leitura, quando é feito pelo guarda, não, já vai direto para a carteira dele e não para... Só nos equipamentos eletrônicos, que não podem identificar.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Perfeito.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Disso eu entendo bem, também. Então não foi dessa forma. Então não é o que ele está procurando de multa de eletrônico ou de guarda. É uma requisição que eu não estou entendendo como isso...

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, Sr. Relator, nobre inquiridor, se me permitem...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Só um momento.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu gostaria de colaborar só, se me permitir.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Mas só um momento. A palavra está com o Dr. Luiz Calos.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Liga o microfone, por favor.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Eu não interrompo o depoimento dele, mas como ele é muito simpático, eu vou ter mais essa desvantagem e permito que ele faça essa indagação.



**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu agradeço.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Com a sua autorização, perfeitamente.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu agradeço a ambos. Sr. Presidente, Sr. Relator, me parece — eu quero que ele me corrija se eu estiver errado —, o que eu estou entendendo, porque eu também desconhecia essa informação, o que eu estou entendendo é que ele, o Marco Regis de Moraes, é funcionário do Conselho Nacional de Diretores da Igreja do Evangélico Quadrangular, cuja sede é em São Paulo. O carro é da igreja. Está cedido para Belo Horizonte. Como ele é um contratado do Conselho... O senhor é contratado do Conselho ou do gabinete do Deputado?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu sou contratado do gabinete do Deputado.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Mas o senhor teve de passar a sua carteira para o Conselho?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Para o Conselho.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Então deve ser algum controle do Conselho da Igreja para saber...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Mas como é que ele está dizendo... Como que na tese aí foi dito que isso foi entregue ao Carlos Willian?

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Aí, lá no Conselho, pelo que eu entendo, o Odair — que é a origem da pergunta, como foi que o Odair teve... Foi esta a sua pergunta: como foi que o Odair teve? A resposta que me parece que ele quis dar — me corrija ele, se eu estiver errado — é que, talvez — ele não tem essa informação —, o Odair teria pego isso, de alguma maneira, lá no Conselho, porque ele manda uma cópia para lá para o Conselho, em São Paulo. Foi isso que eu entendi. Eu gostaria até de saber se entendi corretamente.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Eu não sei se o outro advogado terminou as perguntas, porque eu quero fazer uma sugestão à Presidência, senão nós vamos ficar aqui até... Você tem mais alguma pergunta para fazer, porque senão eu quero dar uma sugestão.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - A palavra está com o Dr. Luiz Carlos.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Se V.Exa. quiser fazer perguntas, eu fico aqui assentado escutando V.Exa. fazendo perguntas o tempo necessário.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Porque veja, Sr. Presidente: agora, como Relator, o ônus da prova cabe à defesa. Se o Dr. Itapuã não trouxer aqui o Odair... porque é o senhor que tem que fazer gestões para trazê-lo para cá. Se nós não conseguirmos ouvir o Odair, se nós continuarmos dessa forma que está aqui, nós não vamos apurar nada, e aí vamos ter de punir os 2. Essa é a minha avaliação. Como o ônus da prova cabe ao senhor, eu acho que o senhor tem de ir atrás desse homem, marcar a vinda dele aqui e trazê-lo para nós.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sr. Presidente, Sr. Relator...

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Nós mudamos um pouco o foco.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Só para responder essa questão, V.Exa. me permite?

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Não, eu gostaria de deixar... É um assunto à parte.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Sem dúvida.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Eu gostaria de respeitar o tempo do Dr. Luiz Carlos.

**O SR ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Ao final eu gostaria de responder ao nobre Relator. Agradeço a V.Exa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Dr. Luiz Carlos

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Eu estou percebendo... Ele não lembra de mim, mas eu pego às vezes o avião com ele em Mato Grosso, e somente agora também eu tenho a oportunidade de ver como o Relator está trabalhando e obrando muito bem, na busca do principio da verdade real, que é o que interessa a todos nós. Eu até pararia de indagar, mas no Relatório, Dr. Dagoberto, da polícia de Osasco, diz o seguinte: *foram encontradas também anotações de placas dos veículos HDQ 0220...* É a placa do veículo, não é isso, Sr. Marco?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E HO 4904?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não é a placa do veículo.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Nenhum dos 2?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Nenhum dos 2.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Eles citam aqui que eles foram cedidos para a assessoria do Deputado Mário de Oliveira e utilizados por Odair da Silva, quando em serviços em Belho Horizonte. Salientamos que os automóveis são cadastrados na Rua Marambaia, 535, Bairro Caiçara, Belo Horizonte, Minas Gerais. O senhor sabe alguma coisa sobre esses fatos?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Dirija as perguntas ao Presidente, por favor.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não, não sei nada sobre esse fato.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Muito bem. Excelência, há quanto tempo ele conhece o Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Há uns 40 anos.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Nesses 40 anos, trabalha com o Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Comecei a trabalhar com ele no primeiro mandato, em 1982. E ele é uma pessoa de muita sinceridade, sempre preservou a sinceridade e exigiu da gente sempre que a gente fosse honesto em todos os trabalhos da gente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quer dizer, tem 27 anos, Sr. Presciente, 27, não, 25 anos que ele trabalha com o Sr. Mário de Oliveira. E isto?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Exatamente.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Nesse período alguma vez afastou-se, foi demitido, foi exonerado, alguma coisa parecida?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sempre permaneceu trabalhando para o Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Para o Deputado Mário de Oliveira.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Excelência, ele trabalha com o Deputado Mário de Oliveira sendo participante também do gabinete? Ele recebe pelo gabinete do Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Recebo pelo gabinete do Deputado Mário de Oliveira.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Ele recebe pelo gabinete, mas trabalha localizado em Minas Gerais, é isso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - A gente presta serviço lá e aqui também.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Comparece aqui, à Câmara Federal?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - A gente comparece também.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quantas vezes por mês?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Durante o período de segunda até quinta-feira. Todo esse período.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Então, quer dizer que, Excelência, toda segunda até quinta-feira, de todas as semanas, de todos os meses do ano ele comparece para prestar assessoria ao Deputado Mário de Oliveira aqui, na Câmara Federal?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Isso.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E o que ele faz aqui na Câmara, Sr. Presidente?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - A gente só é motorista dele.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Aqui?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Aqui.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E é também motorista em Belo Horizonte?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Em Belo Horizonte.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E dirige para ele em Belo Horizonte em que período?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu dirijo para ele durante o período... Às vezes na segunda, às vezes no sábado.



**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E qual é o período de folga dele, Excelência?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Meu período de folga, às vezes, é num domingo ou, às vezes, até numa sexta-feira.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Excelência, qual é o carro que ele dirige aqui, em Brasília, do Deputado Mário de Oliveira?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Sou secretário parlamentar.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sim, o carro. O Carro que ele dirige para o Deputado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Qual o carro que o senhor dirige aqui?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - É um Toyota MW-4.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - É o único motorista dele aqui em Brasília, Excelência?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu não sou o único.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Há mais outro motorista? Outros motoristas, Excelência?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Há um outro motorista.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - E como é que é dividido esse tempo de direção para o Deputado Mário de Oliveira aqui?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Esporadicamente, um faz o período de outro.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O senhor mora no apartamento do Deputado Mário de Oliveira aqui?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Moro no mesmo apartamento.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O outro motorista também?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Também.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Quem mais mora nesse apartamento?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Só o Deputado.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Então, são os 2 motoristas mais o Deputado.





**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Isso.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O telefone que utiliza em Belo Horizonte é o mesmo telefone que utiliza aqui, em Brasília, Excelência?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - É o mesmo.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Qual é o número do telefone?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - É 9274-6123.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - O prefixo dele?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - É 031.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - É 031. Eu indagaria de V.Sa., através do digno Presidente, se disponibilizaria o sigilo telefônico para este Conselho.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Se fosse necessário. Se for necessário, está à disposição.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Então, o advogado do PTC está requerendo, Excelência, ao digno Relator e ao digno Presidente, que seja oferecido a ele documento no qual ele assine disponibilizando o sigilo telefônico desse número, porque é assaz importante e imprescindível para a busca da verdade real neste Conselho.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Perfeitamente. A testemunha colocou à disposição. Evidentemente, o Conselho tratará dessa questão oportunamente. Bom, o Dr. Itapuã quer ter um direito de resposta à indagação do Deputado Dagoberto.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - É só uma observação, Sr. Presidente e Sr. Relator. Nós relacionamos, arrolamos como testemunhas na nossa defesa prévia, testemunhas de defesa, todas as pessoas citados por Odair, inclusive o próprio Odair. E fomos além. Nós arrolamos o Odair, o Celso Braz do Nascimento, o Sr. Marco Regis de Moraes, que teria sido a pessoa que deu o dinheiro, e arrolamos ainda o chefe de segurança e a proprietária da revistaria, que nós vamos ouvir agora para 2 perguntas de nossa parte e nada mais, ou 3. Como é que nós conseguimos arrolar? Pelo depoimento do Odair, pegando tudo aquilo que ele disse. Que endereço nós demos? Claro, sabíamos do Marco; claro, sabíamos do Celso; sabíamos... Mas tem um detalhe. Eu não posso trabalhar para fazer o ônus da



prova, porque o ônus da prova cabe a quem está acusando. Eu faço a contraprova da acusação, Sr. Relator. Eu vou fazer todo o possível para localizar o Odair, o que eu puder fazer. A D. Terezinha já ligou para mim. O Conselho já pediu. Fizemos todo o tipo de ação, mas...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - O ônus que eu quis dizer é o seguinte: você foi quem arrolou ele como testemunha de defesa.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - É verdade.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Então, logicamente, é para poder defender o seu cliente.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - É verdade.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Então, esse ônus de trazer ele aqui, o que vai poder ajudar ou não o seu cliente, tem que caber ao senhor.

**O SR. ITAPUÃ PRESTES DE MESSIAS** - Eu sei. Mas o senhor está sabendo que veio um advogado não sei de onde, que chegou aqui um documento de um advogado, se dizendo — acho que tinha uma procuração nos autos, não sei se tem a procuração, não falei com a D. Terezinha —, com procuração, me parece, trazendo um ofício dizendo que o Odair não vai vir, que o que ele tinha que dizer ele já disse nos depoimentos, e que ele não vai comparecer — ponto. E não trouxe o novo endereço! O máximo que eu posso fazer, e posso me comprometer, é ligar para o advogado dele e insistir para que ele venha. Acho que faz parte dos documentos que estão no arquivo... nos autos desse processo. Agradeço a V.Exa. e sei que V.Exa. está aí procurando, em busca da verdade, assim como nós. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Com a palavra a Deputada Maria Lúcia Cardoso.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Sr. Presidente, o Sr. Marco Regis é funcionário da Câmara Federal, do gabinete do Deputado Mário. Portanto, o problema, Deputado Dagoberto, da carteira, provavelmente deve ser da Câmara, já que o senhor disse que é tão entendido do assunto. Isso talvez seja importante para o relatório como...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Não, mas a Câmara não pede isso.



**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Não pede isso? Bom. O Sr. Odair afirmou algumas vezes que ficava hospedado no apartamento do Mário, do Deputado Mário de Oliveira, em Belo Horizonte. E o Sr. Marco Regis de Moraes não conhece o Sr. Odair?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não conheço.

**A SRA. DEPUTADA MARIA LÚCIA CARDOSO** - Nós temos que realmente dar um jeito de trazer essa pessoa oculta, essa figura oculta, que ninguém conhece e que diz que conhece todo mundo. Está realmente muito estranho isso. Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Deputado Professor Ruy Pauletti.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Marco, você foi citado diversas vezes nos depoimentos. Me dá a impressão de que existem outros Marco. O senhor é conhecido por Marquinhos também?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Sou conhecido como Marquinhos.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - É muito interessante: o senhor é citado 3, 4 vezes, e não sabe nada.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não sei de nada.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Uma constatação ficou clara: o senhor é um homem de absoluta confiança do Deputado Mário. Eu acho que o senhor é a pessoa a quem ele entrega a chave da casa, a chave do cofre, tudo, porque 40 anos de conhecimento e 25 de trabalho... O senhor, viajando com ele de carro, motorista dele — e sabe que todo mundo faz confidências para os motoristas —, o Deputado Mário nunca disse: *“Tem um grupo de safados aí querendo me aprontar”*. Nunca disse?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não. Nós não temos esse tipo de conversa. A gente tem um certo...

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Então ele não confia no senhor.

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - O senhor é que está dizendo.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Não, porque, se ele confia... Eu tenho e sempre tive motorista. Há mais de 30 anos eu tenho motorista.



Meu motorista sabe de coisas que outros não sabem. Eu, se fosse acusado, eu diria para o meu motorista: tem uma turma de safado aí querendo me acusar. Não devo nada. Vamos... Não sei o que eu vou fazer; uma coisa assim. Ele nunca comentou que estava sendo acusado de alguma coisa ou que estava sendo acusado de torpedear-lo dentro da igreja ou de quererem tirar-lhe a presidência? Será que não era... não estavam querendo tirar a presidência da igreja? Ele nunca falou?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não, nunca ouvi esse comentário. Nós nunca temos essa intimidade de conversar.

**O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI** - Continua sem saber o motivo dessa...

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Sr. Presidente, só para encerrar a parte aqui do Relator, eu queria só perguntar: o senhor está dizendo que é motorista dele e que o acompanha a todos os lugares. O Odair veio muitas vezes a Brasília em companhia dele. O senhor disse que o senhor só esteve uma vez com ele. Eu não consegui também entender isto: como que todas as vezes que o Odair esteve junto aqui com o Deputado o senhor não estava junto ou o senhor não estava dirigindo, se o senhor é o motorista dele?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Eu nunca estive junto com o Deputado e o Odair. Sempre eu trabalho com o Deputado, mas nunca carreguei o Odair, nunca estive com o Odair.

**O SR. DEPUTADO DAGOBERTO** - Quer dizer que todas as vezes que o Odair vinha aqui com o Deputado o senhor não via ele? Nem ele nem o Deputado, no caso?

**O SR. MARCO REGIS DE MORAES** - Não, nunca encontrei com ele. Nunca tive essa oportunidade de encontrar com ele.

**O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO** - Sr. Presidente, apenas para ratificar a importante e salutar pergunta do Relator, porque o Deputado Mário de Oliveira asseverou aqui, sob toda a prova, que o Odair, quando vinha a Brasília, dormia no mesmo apartamento que ele, porque ele se sentia muito solitário. Então, é quase que impossível que este moço, o Sr. Marco, não conheça o Sr. Odair. Eu estou aqui também na mesma dúvida do Deputado Dagoberto.



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Eu só chamo a atenção que há um compromisso de dizer a verdade. Isso é importante, porque, embora o Conselho de Ética seja um órgão que julgue fatos concretos, evidentemente isso tem o seu valor jurídico. Então, nós pedimos ao senhor realmente que fale única e simplesmente a verdade, que é importante para o senhor, não é?

Pergunto se alguém ainda quer fazer uso da palavra. *(Pausa.)* Não.

Então, vamos caminhar para o encerramento.

Realmente, o Sr. Odair tem essa declaração, através do seu Advogado, Dr. Hélio José Leal Lima, dizendo que ele não comparecerá. Porém o esforço é importante para que, realmente, ele possa mudar de idéia.

E temos também aqui uma declaração da Sra. Madalena Augusta Gonçalves:

*Sirvo-me da presente para declinar da convocação — e não foi convocação, foi convite — feita por essa egrégia Câmara para prestar esclarecimento sobre o processo disciplinar instaurado em desfavor do Deputado Mário de Oliveira. Peço (ininteligível) por motivos de ordem pessoal.*

*Aproveito a oportunidade para parabenizar os trabalhos dessa Câmara de Deputados, em particular do Deputado Ricardo Izar, representante do Estado de São Paulo.*

Essa é a proprietária da revista...

**O SR. LUIZ CARLOS SILVA NETO** - Sr. Presidente, tenho um requerimento a fazer.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Só um minuto.

Ela é proprietária da Revistaria Liz Lela, Shopping Tamboré, Barueri, São Paulo.

*(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Ela não vem. Está dizendo que não virá.

**O SR. LUIZ CARLOS SILVA NETO** - Sr. Presidente, tenho um requerimento.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Pois não, Dr. Luiz Carlos.



**O SR. LUIZ CARLOS SILVA NETO** - Requerimento para oitiva do Sr. Geraldo Aguiar dos Santos, oitiva de Gustavo Aguiar dos Santos e oitiva de Juliana Aguiar dos Santos.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - O senhor está perguntando se existe informação a respeito dessas oitivas?

**O SR. LUIZ CARLOS SILVA NETO** - Não, nós estamos fazendo, em nome do PTC, o requerimento a V.Exa. da oitiva dessas testemunhas, por serem imprescindíveis para a consecução da causa.

**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Paulo Piau) - Perfeitamente. O senhor pode deixar registrado que colocaremos em votação no momento oportuno.

Agradeço a presença das testemunhas, dos advogados do Representado e do Representante e dos Parlamentares.

Não havendo mais nada a tratar, vou encerrar a reunião, antes convocando os senhores para a próxima reunião, a realizar-se amanhã, quarta-feira, 26 de setembro, às 14h30min, para oitiva do Deputado Paulo Magalhães, Representado no Processo nº 7/07, relatado pelo Deputado Moreira Mendes.

Está encerrada a reunião.